

CPV - Centro de Documentação e Pesquisa**Vergueiro**

Rua São Domingos, 224 - Bela Vista - São Paulo - SP

S(011)3104-7995 - Fax. (011) 3104-3133

e-mail: cpvsp@altemex.com.br

Revisão e Editoração:

Carolina Tomoi

Leonor Marques da Silva

Luis Rosalvo Costa

Maria Aparecida Rezende de Camargo

Capa: Detalhe do quadro "Guernica", de Pablo Picasso

Mauro Luis Iasi

Processo de Consciência

Iasi, Mauro Luis 118p Processo de consciência
/ Mauro Luis Iasi. São Paulo: CPV, 1999.

Bibliografia.

1. Sociologia
2. Consciência
3. Psicologia
4. Metodologia I. Título

1999

SUMARIO

Prefácio, 05

Uma Reflexão Sobre o Processo de Consciência

Introdução, 10

A consciência como processo, 12

A primeira forma de consciência, 14

Ideologia e alienação, 22

As contradições da primeira forma de consciência, 28

A segunda forma da consciência: a consciência em si, 32

As contradições da segunda forma e a consciência

revolucionária, 34

As contradições da consciência revolucionária e o indivíduo, 40

Consciência e temporalidade, 44

A nova consciência, 47

Conclusão, 50

NOTAS, 51

BIBLIOGRAFIA, 55

APÊNDICE, 57

Contribuição à Discussão Metodológica

Introdução, 58

Um pouco da história da polémica, 60

A proposta do 13 e a polémica, 64

Conclusão, 78

NOTAS, 79

Prefácio

A principal função do texto sobre o Processo da Consciência que é agora publicado, tem sido servir de apoio a um seminário do Programa de Formação de Monitores do Núcleo de Educação Popular 13 de Maio, e mais recentemente do Programa de Formação de Formadores da Secretaria Nacional de Formação Política do PT.

O texto sobre Metodologia que vem na sequência, foi o produto de nossos debates no 13 de Maio e no Coletivo Nacional de Entidades de Formação, constituído por iniciativa do PT em 1989. Este debate está no centro de uma polémica sobre as formas mais adequadas de estruturar um programa de formação e confrontava princípios assumidos pela CUT e PT, a chamada "Concepção Metodológica Dialética" com algumas formulações do NEP 13 de Maio. Como nossa concepção sobre a natureza do processo de consciência está intimamente ligada a uma determinada forma de fazer educação popular, acreditamos que seria útil acrescentar a discussão metodológica a esta publicação.

As reflexões da Equipe do 13 de Maio e os seguidos seminários, permitiram a forma final do texto sobre consciência. Alguns pontos, devido à continuidade do estudo, poderiam ser reescritos de forma mais precisa, como, por exemplo, uma melhor e mais detalhada definição de "senso comum", a passagem fundamental da "consciência em si" para a "consciência para si", assim como uma reflexão teórica mais profunda, a partir das concepções de Marx e de outros teóricos que se debruçaram sobre o tema. No entanto optamos por manter a atual forma devido à uti-

lização didática deste texto, deixando, assim, os aprofundamentos para outros esforços de elaboração.

Falar em Processo de Consciência nos dias de hoje é enfrentar algumas questões centrais para o movimento dos trabalhadores. A forma como se deu nossa história mais recente, poderia nos levar à falsa impressão de um movimento em ascenso constante desde a retomada dos sindicatos, a formação da CUT e do PT e a consolidação de um movimento nacional. No interior deste processo, tornar-se "consciente" equivalia a assumir um papel militante em algum ponto do movimento.

Os impasses que hoje enfrentamos, expressos na defensiva da luta dos trabalhadores, a burocratização das entidades sindicais, nas administrações "democrático-populares", nos levam a repensar de forma mais ampla sobre a militância e nossos objetivos transformadores.

A falsa visão de linearidade tem feito com que muitos daqueles que viam de forma triunfalista o caminho da consciência, agora resvalam para um pessimismo desmobilizados. Os mitos modernos do "fim das classes", de um mundo "pós industrial", da história que se resolve em solução final dos limites da democracia liberal burguesa e da economia de mercado, levam muitos a uma razão imobilista. Não há o que fazer a não ser se amoldar aos limites da ordem, de preferência num ponto institucional que garanta ao indivíduo uma existência diferente daquela na qual a grande maioria será condenada a sobreviver.

Entretando o mundo explode em contradições. Nunca estivemos mais perto daquilo que Marx chamou de "modo de produção especificamente capitalista". O triunfo do mundo das mercadorias levou a pontos nunca antes vistos a desumanização, a miséria das massas, a prepotência dos monopólios e a concentração de capitais. A era de prosperidade prometida no final da década de 80 se transformou num pesadelo. Os ideólogos apressados em

enterrar o marxismo como um cadáver insepulto, logo se espantaram com a manifestação inquestionável das velhas crises cíclicas e da lógica inquebrantável do capital. A guerra com seu cortejo de misérias e sofrimentos se espalha e a tecnologia de uma suposta "guerra limpa" não consegue esconder o velho drama humano da dor e da insensatez.

Novamente a humanidade se coloca diante da alternativa: socialismo ou barbárie? Barbárie... grita a realidade, gritam os olhos sem brilho das vítimas do holocausto capitalista. Barbárie... ecoa nos milhões de desempregados que apodrecem como mercadorias sem uso, desde o centro do sistema até a África faminta em meio a opulência mundial de alimentos, ou na América Latina "tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos".

Os valores liberais se dissolvem em pura hipocrisia, em falsificação consciente, abre-se o fosso entre as forças produtivas e as relações sociais de produção e as ideias da classe dominante que até há pouco pareciam corresponder à realidade se tornam não correspondentes. E no meio da barbárie brota a vida. Um grito ainda mudo germina no peito de quem tem fome, muda o brilho nos olhos de quem não mais espera.

Em seu brilhante romance, John Steinbeck descreve uma passagem que ilustra de forma magistral este nascimento. Duas pessoas na beira da estrada, duas famílias expulsas da terra acampam sob suas improvisadas barracas de pano, duas vidas destruídas sentam-se frente a frente e se olham:

"Aqui está o nó, ó tu que odeias mudanças e temes revoluções. Mantém estes homens apartados; faz com que eles se odeiem, receiem-se, desconfiem um do outro. Porque aí começa aquilo que mais temes. Aí está o germe. Porque aí transforma-se o 'Eu perdi minhas terras', uma célula se rompe e dessa célula rompida brota aquilo que tu tanto odeias, o 'Nós perde-

mos nossa terra'. E desse 'nós' nasce algo mais perigoso. 'Eu tenho um pouco de comida' e 'Eu não tenho comida nenhuma'. Quando a solução deste problema é 'Nós lemos um pouco de comida, aí a coisa toma um rumo, aí o movimento já tem um objetivo. Apenas uma pequena multiplicação, e esse trator; essas terras são nossas (...). Sim, é aí que tu deve lançar a tua bomba. E este o começo... do Eu para o Nós'.

A difícil passagem do Eu para o Nós. A capacidade de ver no outro sua própria angústia, de ver no outro algo além que a extensão do opressor, algo humano que nos torna humanos e descobrir as energias insuspeitáveis da ação coletiva. E o grito toma forma na ação que se confronta com a ordem das mercadorias, com a lógica do capital, com a prepotência dos que se julgam invencíveis. E o germe do futuro toma forma contra a barbárie, nos acampamentos dos sem-terra, na opressão das fábricas, na mulher agredida, no jovem que nega futuro, o futuro renasce com raiva.

Tivemos em nossas atividades o prazer de compartilhar a sensação de que ao discutir conosco o processo da consciência se vislumbrava como possibilidade prática uma nova identidade, um sentimento de pertinência de classe que nos ligava aos esforços de todos aqueles que resistem, a todos aqueles que, vivos ou mortos, construíram a estrada por onde viaja nosso desejo de transformação. Marx, ao falar da possibilidade dos seres humanos livremente associados transformarem a sociedade vista antes como um "meio" num "fim" a ser alcançado, nos diz a respeito de um grupo de trabalhadores que se reúne:

"É possível contemplar este movimento prático nos mais brilhantes resultados, ao ver os agrupamentos de trabalhadores socialistas franceses. Fumar, beber, comer, ele, já

não são simples meios para juntar pessoas. A sociedade, a associação, o entretenimento, que de novo tem a sociedade como seu objetivo, é o bastante para eles; a fraternidade dos homens não é uma frase vazia, mas uma realidade, e a nobreza da humanidade irradia sobre nós a partir das figuras endurecidas pelo trabalho ".

Hoje, mais do que nunca, é preciso renovar nosso compromisso militante, não pela fé em qualquer "essência" do ser humano, mas pela certeza de que é necessário superar esta fase mesquinha do desenvolvimento da humanidade, encerrar a pré-história e inaugurar a passagem para a aventura dos seres humanos livremente associados.

Agradeço aqui ao pessoal do CPV, Leonor, Carol, Pati, Cida e todos, pela força na iniciativa desta publicação, aos companheiros dos sindicatos que se associaram para viabilizá-la, e a todos que nestes 14 anos partilharam das reflexões nos seminários baseados neste texto. Um abraço ao Emílio Gennari e Paulo Tumolo pelas dicas na elaboração do texto e ao camarada Luis Carlos Scapi pelo carinho sempre presente no Programa de Monitores e sem o qual o fiando mais verdadeiro que o expresso nas palavras não poderia jamais emergir.

Mauro Luis Iasi São
Bernardo do Campo, junho de 1999

Uma Reflexão Sobre O Processo de Consciência

*"Até que ponto a classe (...) realiza "conscientemente",
até que ponto "inconscientemente, até que ponto
uma consciência "falsa", as tarefas que lhe
são impostas pela história?"
Georg Lukács*

Introdução

Este texto foi produzido originalmente para um estudo do programa de Psicologia Social da PUC de São Paulo no ano de 1985. Foi baseado numa pesquisa sobre a história de vida e militância de alguns companheiros e companheiras, e posteriormente incorporado como texto de apoio a um seminário do *Curso de Monitores do 13 de Maio - NEP*.

A partir desta inserção no curso de monitores, esta reflexão foi ganhando forma com os depoimentos dos diferentes participantes, que contavam como acontecera seu processo de consciência, a forma de pensar anterior, os passos de sua militância e os impasses vividos nas formas de compreender o mundo e a luta dos trabalhadores.

Partindo de uma compreensão marxista, o processo de consciência é visto, de forma preliminar e introdutória, como um desenvolvimento dialético, onde cada momento traz em si os elementos de sua superação, onde as formas já incluem contradições que ao amadurecerem remetem a consciência para novas formas e contradições, de maneira que o movimento se expressa num processo que contem saltos e recuos.

Também é importante ressaltar que este estudo sobre processo de consciência nos deu base para a reflexão de nossa própria concepção de formação, nos permitindo um olhar crítico sobre o patamar das formulações sobre educação popular até então desenvolvidos, sobre o da formação e suas relações com o processo de consciência dos trabalhadores.

A Consciência como Processo

Falamos em processo de consciência e não apenas consciência porque não a concebemos como uma coisa que possa ser adquirida e que, portanto, antes de sua posse, poderíamos supor um estado de "não consciência". Assim como para Marx, não nos interessa o fenômeno e suas leis enquanto tem forma definida, o mais importante é a lei de sua transformação, de seu desenvolvimento, as transições de uma forma para outra¹.

Neste sentido procuraremos entender o fenômeno da consciência como um movimento e não como algo dado. Sabemos que só é possível conhecer algo se o inserirmos na história de sua formação, ou seja, no processo pelo qual ela se tornou o que é, assim é também com a consciência, ela não "é", "se torna". Amadurece por fases distintas que superam-se, através de formas que se rompem, gerando novas que já indicam elementos de seus futuros impasses e superações. Longe de qualquer linearidade, a consciência se movimenta trazendo consigo elementos de fases superadas, retomando aparentemente, as formas que abandonou.

Este processo é ao mesmo tempo múltiplo e uno. Cada indivíduo vive sua própria superação particular, transita de certas concepções de mundo até outras, vive subjetivamente a trama de relações que compõe a base material de sua concepção de mundo. Como então podemos falar em "processo" como um todo? Acreditamos que a partir da diversidade de manifestações particulares podemos encontrar nitidamente, uma linha universal quando falamos em consciência de classe.

Esta consciência não se contrapõe à consciência individual,

mas forma uma unidade, onde as diferentes particularidades derivadas do processo próprio de vida de cada um sintetizam pois, sob algumas condições, um todo que podemos chamar de consciência de classe. Vejamos então, como se forma a consciência e o processo de seu desenvolvimento.

A Primeira Forma de Consciência

Partindo da forma elementar na qual se apresenta o fenômeno de consciência, podemos dizer que toda pessoa tem alguma representação mental de sua vida e seus atos. Como afirma Gramsci:

"Todos são filósofos, ainda que ao seu modo, inconscientemente, porque inclusive na mais simples manifestação de uma atividade intelectual, a linguagem, está contida uma determinada concepção de mundo."²

Como se formaria esta representação que todos possuem? Nos parece que é constituída a partir do meio mais próximo, no espaço de inserção imediata da pessoa. Como nos diz Marx:

"A consciência é naturalmente, antes de mais nada, mera conexão limitada com as outras pessoas e coisas situadas fora do indivíduo que se torna consciente."³

Esta exterioridade da consciência, o processo pelo qual ela parte de fora até interiorizar-se, parece ser confirmado também por Freud, que mesmo buscando compreender o fenômeno pela aproximação psicológica, nos afirma:

"O processo de algo tornar-se consciente está, acima de tudo, ligado às percepções que nossos órgãos sensoriais rece-

bem do mundo externo."⁴

Nesse sentido inicialmente, a consciência seria o processo de representação mental (subjetiva) de uma realidade concreta e externa (objetiva), formada neste momento, através de seu vínculo de inserção imediata (percepção). Dito de outra maneira, uma realidade externa que se interioriza.

A materialidade deste movimento não deve ser buscada apenas no seu aspecto físico/orgânico, apesar de que ninguém ainda tenha conseguido formar qualquer representação sem cérebro ou um sistema nervoso central, mas no fato de que a consciência é gerada a partir e pelas relações concretas entre os seres humanos, e destes com a natureza, e o processo pelo qual, em nível individual, são capazes de interiorizar relações formando uma representação mental delas.

A questão se torna complexa, na medida em que esta representação não é um simples reflexo da materialidade externa que se busca representar na mente, mas antes, a captação de um concreto aparente, limitado, uma parte do todo e do movimento de sua entificação⁵.

O novo indivíduo ao ser inserido no conjunto das relações sociais, que tem uma história que antecede a do indivíduo e vai além dela, capta assim, um momento abstraído do movimento. A partir daí busca compreender o todo pela parte - ultra-generalização - o que consistirá, como veremos, em um dos mecanismos básicos de sua primeira forma de consciência. /

Outras informações chegam ao indivíduo, não pela vivência imediata, chegam já sistematizadas na forma de pensamento elaborado, na forma de conhecimento, que busca compreender ou justificar a natureza das relações determinantes em cada época. Tais manifestações da consciência só agirão na formação da concepção de mundo do indivíduo algum tempo depois e, como ten-

taremos argumentar, sob uma base já sólida para que sejam aceitas como válidas.

Se a consciência é a interiorização das relações vividas pelos indivíduos, devemos buscar as primeiras relações que alguém vive ao ser inserido numa sociedade. A primeira instituição que coloca o indivíduo diante de relações sociais é a família⁶. Ao nascer, o novo ser está dependente de outros seres humanos, no caso do estágio cultural de nossa sociedade: seus pais biológicos.

Logo após o nascimento, a criança vive uma fase, que em termos psicológicos é chamada de "pré-objetal", onde não distingue o que seria ela e o que não seria. Vem de nove meses de gestação onde se confundia organicamente com o corpo da mãe, percebe ainda precariamente o mundo como um complemento de si mesma. O seio materno é visto como parte da anatomia de seu próprio corpo e, logo o bebe descobre o meio de acioná-lo: o choro. Não podemos dizer neste momento que a criança tenha consciência, embora tenha percepções básicas, uma vez que por não conceber algo que seja o outro, não estabelece propriamente uma "relação". Suas ações são ainda determinadas mais pelo universo pulsional e orgânico do que social.

Num determinado momento de seu amadurecimento, a criança percebe que não pode controlar parte do que supõe ser sua própria anatomia. Somente a partir da descoberta da existência de algo externo é que passa a fazer sentido a noção de "eu". Dadas estas condições, podemos falar de uma relação.

É na interação com o mundo externo que se forma o psiquismo, a estrutura básica do universo subjetivo do indivíduo. Chegamos ao mundo munidos apenas de nosso corpo orgânico e de seus instintos, ou impulsos básicos (o que Freud chama de ID: instintos que se originam da organização somática). A vivência das relações na família permite que interiorize-se estas relações construindo o universo interiorizado. Freud descreve de maneira sintética tal processo:

"Sob influência do mundo externo que nos cerca, uma porção do ID sofre um desenvolvimento especial (...) que atua como intermediário entre o ID e o mundo externo, o EGO.⁷"

O mecanismo primordial desta intermediação, entre o EGO e o mundo externo, é o chamado princípio do prazer. Buscando o prazer e tentando evitar o desprazer, o EGO busca realizar as exigências do ID, levando em conta a realidade que limita as condições desta satisfação. A ação dos pais mediatiza as exigências sociais, histórica e socialmente determinadas apresentando-se ao EGO em formação como uma força a ser levada em conta na sua busca de equilíbrio e adaptação. Isto "deixa atrás de si", diz Freud, "como que precipitado, a formação de um agente especial no qual prolonga-se a influência parental", o SUPEREGO. O externo se interioriza, uma relação entre o EGO e o mundo externo interioriza-se, formando uma parte constitutiva do universo subjetivo do indivíduo. O que é introjetado não é apenas a conduta dos pais. Como complementa o próprio Freud:

"Esta influência parental, inclui em seu processo não somente a personalidade dos pais, mas também a família, as tradições raciais e nacionais por eles transmitidas, bem como as exigências do meio social imediato que representam.⁸"

Acontece que aquilo que é visto pela pessoa em formação como mundo externo, como objetividade inquestionável, portanto como realidade, é apenas uma forma particular historicamente determinada, de se organizar as relações familiares. No entanto este caráter particular não é captado pelo indivíduo que passa a assumi-lo como natural⁹. Assim o indivíduo interioriza estas relações, as transforma em normas, estando pronto para reproduzi-las em outras relações através da associação.

Ainda nesta fase ocorre uma passagem decisiva para a formação da personalidade: o chamado "complexo de Édipo". Apesar do risco das generalizações e conclusões nem sempre exatas que derivam desta concepção freudiana, podemos considerar que seu mecanismo básico representa, em nossa sociedade, um elemento fundamental que compõe a personalidade e a consciência dos indivíduos.

Na luta do EGO para administrar as exigências pulsionais do ID diante das condições estabelecidas pelo mundo externo, os instintos se diferenciam em dois grupos fundamentais: alimentação (ligada a sobrevivência imediata e física) e o sexo (ligado à afetividade e ao desejo, que vinculam-se a reprodução). Estes impulsos se diferenciam pelo seu grau de maleabilidade. O impulso da alimentação é inexorável e pouco maleável, quer dizer, cobra sua satisfação imediata e ameaça continuidade da existência, já o impulso sexual é mais maleável, pode ser deslocado ou reprimido. Isto não ocorre sem consequências, às vezes sérias, mas de qualquer modo, não comprometem a sobrevivência imediata da pessoa.

Toda criança elege um objeto de seu desejo, e fantasia sua perfeita integração afetiva com ele. Na estrutura triangular da família monogâmica (pai, mãe e filho{a}), esta ação é interrompida pela presença de uma terceira pessoa. A criança, com a mesma intensidade que fantasia seu desejo, fantasia a eliminação do concorrente. No entanto a plena realização do desejo colocaria em risco a sobrevivência da relação, que garante a existência física da criança. Por uma série de mecanismos, a criança desenvolve um sentimento de impotência e culpa, que o EGO sente como desprazer e busca eliminar. A forma encontrada é dada pela própria natureza dos impulsos, reprime-se o desejo para garantir a sobrevivência imediata.

A cada passo, o novo ser vai criando a base sobre a qual se

estruturará seu psiquismo e sua personalidade, ao mesmo tempo em que se amolda à sociedade da qual está interiorizando as relações e formando, a partir delas, a consciência de si e do mundo. Evidente que aquilo que fica interiorizado não são as relações em si, mas seus valores, normas, padrões de conduta e concepções. Nesta fase, ainda embrionária, cola-se a própria constituição do aparato psíquico uma concepção de mundo. Diríamos que já estão presentes aqui todos os principais elementos que constituirão as características da primeira forma de consciência.

Vejamos:

1- *A vivência de relações que já estavam preestabelecidas como realidade dada;*

2- *A percepção da parte pelo todo, onde o que é vivido particularmente como uma realidade pontual torna-se "a realidade" (ultra-generalização);*

3- *Por este mecanismo as relações vividas perdem seu caráter histórico e cultural para tornarem-se NATURAIS, levando à percepção de que "sempre foi assim e sempre será".*

4- *A satisfação das necessidades, seja da sobrevivência ou do desejo, deve respeitar a forma e a ocasião que não são definidos por quem sente, mas pelo outro que tem o poder de determinar o quando e o como;*

5- *Estas relações não permanecem externas, mas interiorizam-se como normas, valores e padrões de comportamento, formando com o SUPEREGO um componente que o indivíduo vê como dele, como auto cobrança e não como uma exigência externa;*

6- *Na luta entre a satisfação do desejo e a sobrevivência reprime ou desloca seu desejo;*

7- *Assim o indivíduo submete-se às relações dadas*

e interioriza os valores como seus, zelando por sua aplicação, desenvolvimento e reprodução.

As relações familiares, por maior importância que tenham na formação da personalidade, não tem o monopólio das relações humanas. As relações lançadas a partir da família são complementadas, reforçadas e mesmo revertidas pela inserção nas demais relações sociais, pelas quais o indivíduo passa no decorrer de sua vida: na escola, no trabalho, na militância, etc.

Estas outras relações são potencialmente diversas das relações assumidas na formação da personalidade, fundamentalmente pelo fato de que agora o indivíduo assume um papel menos dependente, podendo vir a assumir o papel de sujeito ativo na relação. No entanto nem sempre este potencial se manifesta. Na maioria dos casos estas vivências secundárias acabam por reforçar as bases lançadas na família.

Vejamos se cada nova relação, posteriormente assumida, reverte ou reforça os sete elementos que compõem a primeira forma da consciência.

Nos parece que na escola, por exemplo, ao nos inserirmos em relações preestabelecidas, não conseguimos ter a crítica de que é apenas uma forma de escola, mas a vivemos como "a escola". Passamos a acreditar ser esta a forma "natural" e acabamos por nos submeter. Na escola, as regras são determinadas por outros que não nós, outros que têm o poder de determinar o que pode e o que não pode ser feito e nosso desejo submete-se diante da sobrevivência imediata. As normas internas interiorizam-se: a disciplina converte-nos em cidadãos disciplinados.

O mesmo ocorre no trabalho. Aqui, de modo ainda mais claro, as relações já encontravam-se pré-determinadas, outros determinam o que se pode e o que não se pode fazer, o capital determina o como, o quando e o que fazer. Vender sua força de

trabalho ao patrão em troca de um salário não é visto como algo absurdo, mas como algo perfeitamente "natural". Sempre foi assim... sempre será... Nosso desejo submete-se à sobrevivência imediata...temos que trabalhar para viver, por isso nos submetemos. A lógica imposta pelo capital (externa), interioriza-se e nós mesmos nos levamos ao mercado para sermos esfolados... e alegamos-nos quando algum capitalista dispõe-se a comprar nossa força de trabalho. Pregamos alegre e convictamente as ideias do capital como se fossem nossas.

Assim formada, esta primeira manifestação da consciência, o indivíduo passa a compreender o mundo a partir de seu vínculo imediato e particularizado generalizando-o. Tomando a parte pelo todo a consciência expressa-se como alienação.

No nível do senso comum a alienação é tratada como sendo um estágio de não consciência. Após esta análise preliminar percebemos que ela é a forma de manifestação inicial da consciência. Esta forma será a base, o terreno fértil, onde será plantada a ideologia como forma de dominação.

Ideologia e Alienação

A alienação não é o mesmo que ideologia e dela diferencia-se substancialmente. A alienação que expressa-se na primeira forma da consciência é subjetiva, profundamente enraizada como carga afetiva, baseada em modelos e identificações de fundo psicológico. A ideologia agirá sobre esta base e se servirá de duas características fundamentais para exercer uma dominação que, agindo de fora para dentro, encontra nos indivíduos um suporte para que estabeleça-se subjetivamente.

A ideologia não pode ser compreendida apenas como um conjunto de ideias, que pelos mais diferentes meios (meios de comunicação de massas, escola, igrejas, etc.) são enfiadas na cabeça dos indivíduos. Isto levaria ao equívoco de conceber uma ação anti-ideológica como a simples troca de velhas por "novas" ideias.

Quando, numa sociedade de classes, uma delas detém os meios de produção tende a deter também os meios para universalizar sua visão de mundo e suas justificativas ideológicas a respeito das relações sociais de produção que garantem sua dominação económica. "As ideias da classe dominante são em cada época as ideias dominantes."¹¹

Esta universalização da visão de mundo da classe dominante se explica não apenas pela posse dos meios ideológicos e de difusão, mas também e fundamentalmente pela correspondência que encontra nas relações concretas assumidas pelos indivíduos e classes. Não são "simples ideias", como afirma Marx:

"As ideias dom inani es nada mais são que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações mater i-

ais dominantes concebidas como ideias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe a classe dominante, as ideias de sua dominação. ""

As relações sociais determinantes, baseadas na propriedade privada capitalista e no assalariamento da força de trabalho, geram as condições para que a atividade humana aliene ao invés de humanizar¹². A vivência destas relações produzem um alienação expressa em três níveis¹³.

Ao viver o trabalho alienado, o ser humano aliena-se da sua própria relação com a natureza, pois é através do trabalho que o ser humano se relaciona com a natureza, a humaniza e assim pode compreendê-la. Vivendo relações onde ele próprio coisifica-se, onde o produto de seu trabalho lhe é algo estranho e que não lhe pertence, a natureza se distancia e se fetichiza.

Num segundo aspecto, o ser humano aliena-se de sua própria atividade. O trabalho transforma-se, deixa de ser a ação própria da vida para converter-se num "meio de vida". Ele trabalha para o outro, contrafeito, o trabalho não gera prazer, é a atividade imposta que gera sofrimento e aflição. Alienando-se da atividade que o humaniza o ser humano se aliena de si próprio (auto-alienação).

Isto nos leva ao terceiro aspecto. Alienando-se de si próprio como ser humano, se tornando coisa (o trabalho não me torna um ser humano, mas é algo que eu vendo para viver), o indivíduo afasta-se do vínculo que o une à espécie. Ao invés do trabalho tornar-se o elo do indivíduo com a humanidade, a produção social da vida, metamorfoseia-se num meio individual de garantir a própria sobrevivência particular.

Em resumo podemos descrever assim estes três aspectos da alienação:

- a) **o ser humano está alienado da natureza;**
- b) **o ser humano está alienado de si mesmo;**

c) o ser humano está alienado de sua espécie.

A materialidade destas relações produtora da alienação, são expressas no universo das ideias como ideologia. São, nas palavras de Marx, as relações materiais concebidas como ideias.

A ideologia encontra na primeira forma da consciência uma base favorável para sua aceitação. As relações de trabalho já têm na ação prévia das relações familiares e afetivas os elementos de sua aceitabilidade¹⁴. Antes mesmo que a criança venha a receber qualquer informação sistematizada, já possui um conjunto de valores interiorizados que para ela são verdadeiros e naturais, pois estabelece com eles profíndos vínculos afetivos e percebe uma correspondência com as relações concretas em que está inserida. Para ilustrar esta constatação vejamos um trabalho escolar de um menino de dez anos, que busca responder uma questão de história sobre os comerciantes portugueses, na época das Grandes Navegações:

"O Português levanta cedinho e vai para seu armazém vender suas coisas. Ele vende pão, leite, café e outras coisas mais. E quando ele acaba, pega suas economias, aluga um navio, pega os amigos, e vai de continente em continente, descobrindo coisas para comerciar. Só que um dia eles foram pegar o mesmo caminho para comerciar e o caminho estava fechado, então eles foram a procura de outros caminhos e encontraram muitas coisas para comerciar como seda, cravo, canela e material de luxo. Levaram de volta para sua terra e só os mais ricos é que compravam e eles ficaram ricos e importantes. É assim o dia-a-dia dos portugueses e procurando é que se acha"¹⁵

Este texto é ilustrativo não apenas por evidenciar valores e noções ideologizadas já presentes na concepção de mundo de um menino, mas por dar-nos uma mostra da forma como sua consciência agiu para responder uma questão, que para ele era desco-

nhecida. Em primeiro lugar ele só pode julgar algo que desconhece trazendo para um referencial que ele domina, vai reinterpretar os fatos a partir da realidade e dos parâmetros que dispõe em sua vivência imediata. E evidente que os artífices da expansão marítima da séculos XIV e XV não eram padeiros, no entanto um padeiro é o que de mais real e próximo o menino dispõe para identificar um "português".

Da mesma forma discorrerá sobre o tema proposto buscando referenciar-se em modelos e por um sistema de valores que ele interiorizou em sua formação. Neste sentido "pegar as economias", "procurando é que se acha", a relação "vender para os ricos" e ficar também "rico e importante", aparecem como que naturalmente no discurso do menino ele espantaria-se acaso questionássemos se são ideias dele mesmo ou não. Mais que isso são verdadeiras. As relações em que está inserido reforçam e, aparentemente comprovam a validade dos juízos formulados. Em seu bairro pobre, as pequenas lojinhas e camelos que só vendem coisas para pobres não tomam ninguém rico, ao passo que os grandes *shopping centers*, com seus sofisticados produtos para ricos, dão a impressão de fazer fortunas nas mãos de seus proprietários.

A percepção generalizada da vivência particular não apenas baliza-se em valores como deforma a realidade pela transposição de juízos presos à particularidade. Quem chamar para participar de uma grande aventura como aquela? Evidente que "os amigos", com quem mais? Não se poderia imaginar marujo, condenados e escravos embarcados a força. Como conseguir algo tão grande como um navio? Com certeza não as custas dá Coroa Portuguesa, da prática secular de expropriar camponeses, ou com guerras de rapina, mas através de "economias" para que se possa "alugar o navio".

Os valores que aparecem como sendo do menino não foram interiorizados pelo contato perceptivo com as "relações sociais determinantes" na sociedade onde vive. Os valores são

mediatizados por pessoas que servem de veículo de valores, são modelos. Não trata-se da identificação com "a sociedade", "as relações capitalistas" ou as ideias, são as relações de identidade com os outros seres humanos, seus modelos, que a pessoa em formação assume valores dos outros como sendo os seus.

O ser humano é modelo do ser humano¹⁶. Nossa concepção de mundo e de nós mesmos, a formamos a partir do outro. Numa passagem marginal do Capital, Marx afirma que:

"O homem se vê e se reconhece primeiro em seu semelhante, a não ser que já venha ao mundo com um espelho na mão ou como um filósofo fwhtiniano para quem basta o 'eu sou eu', Através da relação com o homem Paulo, na condição de seu semelhante, toma o homem Pedro consciência de si mesmo como homem. Passa a considerar Paulo — compele, cabelos, em sua materialidade paulina — a forma em que se manifesta o género homem.¹⁷"

Assim o indivíduo vai construindo uma visão de mundo que julga como sendo própria. Apesar de sua utilidade prática, de sua aparente coerência, esta visão caracteriza-se, como afirma Gramsci, por ser ocasional e desagregada. Isto significa que não chegam a formar um todo unitário e coerente, mas soma seus aspectos componentes de forma arbitrária e bizarra. Esta visão acrítica, desistoricizada, sem um inventário¹⁸, Gramsci chama de senso comum¹⁹.

O pensador italiano afirma que todos os seres humanos moldam-se a algum tipo de conformismo, não no sentido de passividade, mas pelo fato de amoldar-se à algum tipo de forma, e quando isso ocorre de maneira não crítica nossa personalidade acaba por ser composta de maneira bizarra, encontrando-se nela "elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista; preconceitos de todas as fases históricas

passadas, grosseiramente localistas e instituições de uma futura filosofia.²⁰"

Este conjunto que une desordenada e contraditoriamente elementos de senso comum e instituições de um pensamento crítico, é a base do que chamamos de primeira forma de consciência. Ela apresenta-se como alienação não porque desvincula-se da realidade, mas pelo fato de naturalizá-la, por desvincular os elementos componentes da visão de mundo de seu contexto e de sua história.

Às Contradições da Primeira Forma de Consciência

A relação dialética entre as relações concretas assumidas e suas representações ideais, permitem-nos superar a visão mecânica que busca compreender o universo ideológico como reflexo, caindo em armadilhas do tipo: é a família que determina a alienação ou as relações de trabalho?

Como vimos, a família, que antecede no tempo sua ação no indivíduo em relações às atividades económicas de produção, é por sua vez determinada por estas relações, na verdade as mediatiza. Aquilo que determina é determinado. Ao mesmo tempo, neste âmbito, reproduz e reforça as relações sociais de produção, dando a base necessária para que a ideologia frutifique e garanta a reprodução destas.

Aqueles que servem-se de uma visão mecânica do mundo e do processo histórico fecharam aqui o círculo da dominação. A ideologia corresponde às relações concretas que comprovam e reforçam esta ideologia ao mesmo tempo em que esta lhes justifica e reforça. Não há saída. Isto constitui um dos principais mitos de nossos tempos: a dominação ideológica perfeita, assim como anunciam as ficções de Orwell e Huxley²¹.

Entretanto o fato é que a ideologia e as relações sociais de produção formam um todo dialético, ou seja, não estabelecem simples relações de complementariedade, mas uma união de contrários. Por mais elaborada, sofisticada ou eficiente que seja uma ideologia, ela é ainda a representação mental de certo estágio das forças produtivas historicamente determinadas.

Uma vez interiorizada uma visão de mundo não transforma-se numa inevitabilidade, pois corre em seus calcanhares a contínua transformação da estrutura produtiva e das relações que lhe originaram e que servem-lhes de base. Esta transformação constante das condições materiais é mesmo vital para os próprios interesses dominantes, e constituem uma das características marcantes do modo de produção capitalista.

Eis aqui uma contradição insolúvel da sociedade capitalista: enquanto as forças produtivas devem constantemente desenvolver-se, as relações sociais de produção e sua manifestação e justificativa ideológica devem permanecer estáticas em sua essência. Com o desenvolvimento das forças produtivas, acaba por ocorrer uma dissonância entre as relações interiorizadas como ideologia e a forma concreta como se efetivam na realidade em mudança. É o germe de uma crise ideológica.

Os autores da Ideologia Alemã, descrevem desta maneira este processo:

"Quanto mais a forma normal das relações sociais e, com ela, as condições de existência da classe dominante acusam a sua contradição com as forças produtivas avançadas, quanto mais nítido se torna o fosso cavado no seio da própria classe dominada, mais natural torna-se, nestas circunstâncias, que a consciência que correspondia originalmente a esta forma de relações sociais se torne inautêntica, dito por outras palavras, essa consciência deixa de ser uma consciência correspondente, e as representações anteriores, que são' tradicionais deste sistema de relações, aquelas em que os interesses pessoais reais eram apresentadas como interesse geral, degradam-se progressivamente em meras fórmulas idealizantes, em ilusão consciente, em hipocrisia deliberada."

Como o indivíduo viveria esta contradição entre ideias e a

realidade em mudança? Sabemos que sua consciência inicial é formada pela interiorização de valores, normas Juízos e comportamentos a partir das relações imediatas que estabelece. De posse desta concepção de mundo, o indivíduo segue sua vida e estabelece o mecanismo provocador da contradição na primeira forma de consciência, que não é outro se não o próprio que lhe tornou possível a existência. As novas relações vividas têm o mesmo potencial de interiorização que as anteriores, da mesma forma que gera novos valores, juízos e são a base para novas condutas e comportamentos.

O indivíduo vive as novas relações, julgando-as e buscando compreendê-las, com o mesmo arcabouço de valores (interiorização de novas relações), coexistem com velhos provocando uma contradição que é vivida pelo indivíduo como um conflito interno e subjetivo.

A primeira forma de manifestação desta contradição não é ainda a superação da alienação, é mais uma forma transitória que expressa-se de maneira mais nítida, no estado de revolta.

Alguém, por exemplo, que acreditasse que trabalhando consegue-se tudo o que se quer, mas passa a viver uma situação aonde, apesar de trabalhar muito, não consegue o mínimo para viver, vivência uma contradição que pode leva-lo à revolta. As relações atuais passam a não corresponder ao valor interiorizado, mas antes de fazer saltar toda a concepção de mundo, esta percepção é vivida como um conflito subjetivo, individual, que é compreendido tendo por base a própria estrutura da primeira forma da consciência.

As relações podem não ser mais idealizadas, são agora vividas como injustas, existe a disposição de não submeter-se, no entanto ainda aparecem como inevitabilidade: "sempre foi assim". Muda-se apenas o julgamento valorativo: "sempre foram injustas", preparando-se a sentença... "sempre serão injustas". Apri-

meira forma da consciência pode então ser reapresentada. É apenas em certas condições que a revolta pode tornar-se uma passagem para uma nova etapa do processo de consciência.

A segunda forma da Consciência: a Consciência em Si

Em determinadas condições, a vivência de uma contradição entre antigos valores assumido, e a realidade das novas relações vividas, pode gerar uma inicial superação da alienação. A pré-condição para esta passagem é o grupo. Quando uma pessoa vive uma injustiça solitariamente, tende a revolta, mas em certas circunstâncias pode ver em outras pessoas sua própria contradição. Este também é um mecanismo de identificação da primeira forma, mas aqui a identidade com o outro produz um salto de qualidade.

Uma mulher, por exemplo, submetida a condições de opressão em casa, condenada aos trabalhos domésticos e ao cuidado dos filhos, pode viver isto a vida toda como natural, portanto para ela, inevitável. Mesmo o desmoronar da idealização na família diante das condições reais do cotidiano, pode gerar no máximo a revolta, a constatação de uma terrível "sina". No entanto esta mesma mulher, num grupo onde possa ver em outras companheiras a mesma sina, julgada somente sua, só sua, pode começar a desenvolver uma ação contra o que considera injusto²³.

Esta via de superação é ainda mais clara ao tratarmos da classe operária, é na greve a sua mais didática manifestação. A injustiça vivida como revolta é partilhada numa identidade grupai o que possibilita a ação coletiva.

A ação coletiva coloca as relações vividas num novo patamar. Vislumbra-se a possibilidade de não apenas revoltar-se contra as relações pré-determinadas, mas de alterá-las. Questiona-se

o caráter natural destas relações e, portanto, de sua inevitabilidade. A ação dirige-se, então, à mobilização dos esforços do grupo no sentido da reivindicação, da exigência para que mude-se a manifestação da injustiça.

É a chamada consciência em si, ou consciência da reivindicação. A forma mais clássica de manifestação desta forma de consciência é a luta sindical, sua forma de organização mais típica é o sindicato, mas podemos incluir nesta forma, as lutas populares, os movimentos culturais, o movimento de mulheres e outras manifestações de lutas coletivas de setores, grupos e categorias sociais das mais diversas. O que há de comum nestes casos particulares é a percepção dos vínculos e da identidade do gaipo e seus interesses próprios, que conflitam com os grupos que lhe são opostos.

As Contradições da Segunda Forma e a Consciência Revolucionária

A consciência em si representa ainda, a consciência que se baseia na vivência das relações imediatas, não mais do ponto de vista do indivíduo, agora do grupo, da categoria e pode evoluir até a consciência de classe. Ela é parte fundamental da superação da primeira forma de consciência, portanto da alienação, no entanto seu pleno desenvolvimento ainda evidencia traços da antiga forma ainda não superados.

O processo de negação de uma parte da ideologia pela vivência particular das contradições do modo de produção, que pese toda sua importância, não vai destruir as relações anteriormente interiorizadas e seus valores correspondentes de uma só vez. Isto significa que apesar de "conscientes" de parte da contradição do sistema (por exemplo, dos baixos salários, da opressão da mulher, de sua identidade étnica, etc.) a pessoa ainda trabalha, age, pensa sob a influência dos valores anteriormente assumidos, que apesar de serem parte da mesma contradição, continuam sendo vistos pela pessoa como naturais e verdadeiros.

Na sua luta contra o capital, o proletariado, num primeiro momento, nega a pretensão do capitalismo em supor uma igualdade entre capital e trabalho, se assumindo como uma classe distinta e particular. A principal afirmação do capitalismo, e sua ideologia liberal, é que todos são livres proprietários de distintas mercadorias. O proletário afirma-se como classe com interesses distintos e

antagônicos ao capital, quando organiza-se para buscar maiores salários ou melhores condições de vida e trabalho.

No entanto, o proletariado, ao assumir-se como classe, afirma a existência do próprio capital. Cobra deste uma parte maior da riqueza produzida por ele mesmo, alegra-se quando consegue um parte um pouco maior do que recebia antes. A consciência ainda reproduz o mecanismo pelo qual a satisfação do desejo cabe ao outro. Agora ela manifesta o inconformismo e não a submissão, reivindica a solução de um problema ou injustiça, mas quem reivindica ainda reivindica para alguém. Ainda é o outro que pode resolver por nós nossos problemas.

Além disto, temos que nos submeter às formas e condições estabelecidas por outros para manifestar este inconformismo. A materialização destes limites não poderia ter um exemplo mais adequado, a permanência da estrutura sindical atrelada, em sua essência, desde os anos trinta até hoje. Estes não são, como vemos, limites de uma certa forma de consciência, mas também, o limite dos instrumentos políticos que correspondem a esta consciência: as greves e o sindicato.

Não trata-se de diminuir a importância destes instrumentos de luta da classe trabalhadora, mas concebê-los dentro de seus limites. Não trata-se de analisar os limites das greves, por exemplo, quando elas não são vitoriosas, quando os militantes mais destacados são identificados, expulsos nas listas dos patrões e não conseguem mais emprego; mas, fundamentalmente, quando as greves são vitoriosas é que podemos perceber os limites desta segunda forma de consciência. í

Quando um setor da classe operária confronta-se com o padrão exigindo, por exemplo, maiores salários, melhores condições de trabalho e outras reivindicações, dá mostras que desvendou em parte o caráter da contradição fundamental entre a produção social e a acumulação privada e, sabendo disto, cobra do capita-

lista uma parte maior daquilo que produziu e que lhe foi retirado. O proletariado apercebe-se de sua força, de ser elemento chave para o processo de produção, percebe seu poder de barganha e o usa contra o capital, adquire consciência de sua força, de sua união enquanto classe. Mas, digamos que esta luta atinja seus objetivos, que a greve seja vitoriosa. Os trabalhadores retornam ao trabalho com suas reivindicações atendidas. Estão novamente aptos a revalidar as relações de exploração, o trabalho alienado, ou seja, o próprio capitalismo.

Isto porque ao assumir-se enquanto classe, o proletariado nega o capitalismo afirmando-o. Se organiza como qualquer vendedor que quer alcançar um preço maior por sua mercadoria. Portanto, em sua luta revolucionária, não basta o proletariado assumir-se enquanto classe (consciência em si), mas para além de si mesmo (consciência para si). Conceber-se não apenas como um grupo particular com interesses próprios dentro da ordem capitalista, mas colocar-se diante da tarefa histórica da superação desta ordem.

A verdadeira consciência de classe é fruto desta dupla negação: num primeiro momento o proletariado nega o capitalismo assumindo sua posição de classe, para depois negar-se a si próprio enquanto classe, assumindo a luta de toda a sociedade por sua emancipação contra o capital.

O mesmo mecanismo pode ser visto em diferentes lutas, específicas como as que caracterizam o movimento de mulheres, por exemplo, o que leva a diferenciação entre o que podemos chamar genericamente de "movimento de mulheres", movimento feminista e feminismo socialista.

No âmbito da consciência individual, esta passagem evidencia uma difícil transição, onde nem sempre o movimento completa-se com a superação que levaria a consciência num patamar superior.

Quais seriam as consequências de uma estagnação nesta etapa da consciência? São muitas as manifestações, como o corporativismo, o carreirismo e a burocratização. A consciência volta a ser espectadora passiva de forças que não controla, vive uma realidade da qual desconhece as raízes e o desenvolvimento, acabando assim submetido por ela, ainda que mantenha na forma os elementos questionadores da segunda forma de consciência. Vejamos este depoimento de Gramsci de 1919 sobre este fenómeno:

"Os operários sentem que o complexo da 'sita' organização se transformou num aparelho tão enorme que acabou por obedecer a leis próprias, íntimas a sua estrutura e ao seu complicado funcionamento, mas estranhas à massa que adquiriu consciência de sua missão histórica de classe revolucionária. Sentem que a sua vontade de poder não consegue exprimir-se, em sentido nítido e preciso, através das atuais hierarquias institucionais. Sentem que também em sua casa, na casa que construíram tenazmente com esforços pacientes, cimentando-a com sangue e com lágrimas, a máquina trai o homem, o funcionalismo esteriliza o espírito criador e o diletantismo banal e verbalista tenta encobrir em vão a ausência de conceitos precisos acerca das necessidades da produção industrial e a nenhuma compreensão da psicologia das massas operárias. Os operários se irritam por estas condições de fato, mas são individualmente incompetentes para as modificar: as palavras e as vontades de cada um dos homens são coisa muito pequenas em confronto com as leis férreas inerentes à estrutura funcional do aparelho sindical."³⁴

O processo de consciência não é linear, pode e muitas vezes regride até etapas anteriores. Se analisarmos bem o depoimento de Gramsci, e nem precisaríamos ir até 1919 para pegar um exem-

pio, podemos ver que reapresentam-se elementos da primeira forma de consciência. Outros determinam as normas, o como, o quando: as relações são pré-determinadas e individualmente nada podemos fazer a não ser submeter-nos. O mais complicado é que agora uma parte da própria classe passa a ter um status, uma estabilidade e um poder que não tinha, para submeter-se. Antes víamos para denunciar a miséria... hoje vivemos dela. Abrimos mão de nosso desejo para rendermo-nos à satisfação da sobrevivência imediata. Alguns ganham muito bem para isto.

A consciência nesta fase é ainda prisioneira das aparências, ainda alimenta-se da vivência particular e das inserções imediatas e não encontra neste âmbito os elementos necessários à sua superação. Cristalizada nesta fase acabará por reforçar-la aquilo que inicialmente pensava estar negando. Lukács em seu estudo sobre a consciência de classe afirma que:

"Na verdade estas hesitações, e até incertezas, são um sintoma de crise da sociedade burguesa. Enquanto produto do capitalismo, o proletariado está submetido às formas de existência de seu produtor. Estas formas de existência são a desumanidade, a reificação²⁵. O proletariado é, pela sua existência, a crítica, a negação destas formas de vida. Mas, até que a crise objetiva do capitalismo esteja consumada, até que o próprio proletariado tenha conseguido discernir completamente esta crise da reificação, e como tal, apenas negativamente ascende acima de uma parte do que nega. Quando a crítica não ultrapassa a simples negação de uma parte, quando pelo menos, ela não tende para totalidade, então não pode ultrapassar o que nega, como por exemplo, nos mostra o caráter pequeno burguês da maior parte dos sindicalistas."²⁶

A consciência em si, quando não "ultrapassa a simples negação de uma parte", acaba por distanciar-se de sua meta revolucioná-

ria, busca novamente, mecanismos de adaptação à ordem estabelecida²⁷. Ela trabalha com os efeitos, com sintomas e não com causas. Esta contradição pode levar o indivíduo em seu processo de consciência para um novo patamar: a busca da compreensão das causas, o desvelar das aparências e a análise da essência do funcionamento da sociedade e suas relações. Buscar saber como funciona a sociedade para saber como é possível transformá-la. É na própria constatação de que a sociedade precisa ser transformada que supera-se a consciência da reivindicação pela da transformação. O indivíduo transcende o grupo imediato e o vínculo precário com a realidade dada, busca compreender relações que se distanciam no tempo e no espaço, toma como sua a história da classe e do mundo. Passa a conceber um sujeito coletivo e histórico como agente da transformação necessária.

As Contradições da Consciência Revolucionária e o Indivíduo

*"Hoje o movimento se fez imperceptível.
Os filhos estão mortos. O povo
adormecido. "*

Pedro Tierra

*"Ernesto Che Guevara é chegada a tua hora
e o povo ignora se por ele lutavas. "*

Ferreira Gullar

Na etapa anterior, mesmo supondo o sujeito coletivo, o motor básico da reivindicação é a satisfação de algo para o próprio indivíduo. Quem luta por moradia, por exemplo, luta para ter onde morar, se possível no mais curto espaço de tempo. Agora a transformação da sociedade exige um outro sujeito: a classe.

Na passagem da consciência em si para a consciência revolucionária, ou para si, abre-se uma importante contradição. Apesar das alterações da consciência só poderem serem vivenciadas em nível individual, o processo de transformação que irá realizá-la é necessariamente social, envolvendo mais que a ação individual, a de classe. O amadurecimento subjetivo da consciência de classe revolucionária, dá-se de forma desigual, depende de fatores ligados a vida e a percepção singular de cada indivíduo. Coloca-se assim a possibilidade de haver uma dissonância, que pode ou não prolongar-se de acordo com cada período histórico, entre o indivíduo e sua classe, surgindo a questão do indivíduo revolucionário

inserido num grupo que ainda partilha da consciência alienada. As mediações políticas consistem, em parte, no esforço de superando esta distância.

O isolamento da pessoa dentro de seu grupo de inserção social é acompanhado por um intenso conflito interno. Dentro do indivíduo a consciência nova ocupa, por assim dizer, uma área liberada, que faz fronteira com setores fortemente ocupados pelo inimigo, ou seja, as antigas relações sociais interiorizadas como valores, juízos e normas. Psicologicamente, o Ego se enfraquece diante das sempre presentes exigências dos impulsos básicos, e de um Superego que foi criado pela interiorização de normas e padrões anteriores. O indivíduo afirma algo novo e aspectos do seu próprio universo subjetivo são contestados.

A tomada de consciência, ou o amadurecimento de sua consciência, nem sempre é acompanhada das condições objetivas do realizar as tarefas que a história lhe impõe. Afirma Lukács:

"Esta consciência não é nem a soma nem a média do que pensam, sentem, etc, os indivíduos que formam a classe, tomados um por um. E, no entanto, a ação historicamente decisiva da classe como totalidade é determinada, em última análise, por esta consciência. ²⁵ "

A consciência assume uma dimensão que não tem como se realizar dentro dos limites do pensamento, arvorando-se, necessariamente, pelo campo da prática.

Na verdade, a vida cobra da pessoa uma postura para qual não foram internalizadas estruturas prévias para a sua realização. Pelo contrário, toda a bagagem psíquica, cultural e moral esta estruturada para agir contra a postura exigida pela nova consciência, que tenta impor-se. O indivíduo está apto a aceitar a realidade, assumindo sua impotência diante de relações estabelecidas e pré-determinadas. Por isso o indivíduo que torna-se consciente é

antes de tudo, um novo indivíduo em conflito.

E comum ouvir de militantes que passando por processos semelhantes, que pensam em "cuidar da vida". Produzimos algo como uma tentação de rendermo-nos ao princípio do prazer, negando as exigências de uma nova consciência, que antagoniza-se com um mundo e que recusa-se a mudar de um Superego que ainda nos impõe velhas normas. "Pensar em mim mesmo" é o grito de guerra do Ego contra o mundo.

A sociedade capitalista, por mais hipócrita que isto possa parecer, se auto-proclama a sociedade da harmonia. O indivíduo em conflito é isolado como se não expressasse uma contradição, mas fosse ele mesmo a contradição, mais que isto: o culpado por sua existência. Enquanto isto o alienado recebe o rótulo de "normal".

O indivíduo sob esta contradição, com o grau de compreensão alcançado e diante da realidade objetiva, que não reúne condições materiais para uma superação revolucionária, tem diferentes caminhos a trilhar. Pode buscar mediações políticas que construam junto à classe os elementos que Lênin denominava de "condições subjetivas"²⁹, ou diante de insucessos nestas tentativas, caminhar para ansiedade e depressão.

Sua consciência retorna a patamares anteriores, como a revolta isolada ou mesmo a alienação. Evidente que nunca se retorna ao mesmo ponto, e a passagem pela consciência de classe deixa marcas, como por exemplo, a justificativa mais elaborada, o discurso e talvez algumas posturas. Pode manifestar-se por outro lado em ceticismo, hipocrisia ou outras manifestações.

A primeira fase da consciência guarda correspondência com alguns comportamentos infantis. Diante das tarefas que anunciam-se para a consciência que busca assumir-se como revolucionária, o indivíduo pode trazer ainda estes elementos primários que bem caracterizam esta encruzilhada entre a ansiedade e a depressão,

ou como no caso da criança a onipotência e a impotência. "Assim, diz Lukács", ou a consciência torna-se espectador inteiramente passivo do movimento das coisas, sujeito a leis e no qual não se pode de maneira nenhuma intervir, ou considera-se como uma força que pode dominar ao seu bel-prazer, subjetivamente, o movimento das coisas, em si despido de sentido³⁰"

Estes estados psicológicos aparecem interligados de maneira que a depressão segue a ansiedade, ou vice-versa. A forma de lidar com uma ou outra manifestação, guarda relação com os traços de personalidade de cada um, no entanto no aspecto que nos interessa, evidencia a velha contraposição entre a vontade e a materialidade.

Os seres humanos fazem sua própria história, mas não a fazem da forma como querem, pois agem sob circunstâncias que estão dadas pelo desenvolvimento histórico anterior³¹. A contradição entre a intenção subjetiva e a materialidade na qual esta vontade terá que agir, explode no indivíduo isolado como algo que parece intransponível. O problema é que para a tarefa em questão, e em se tratando de indivíduos isolados, na verdade trata-se de uma barreira intransponível.

Consciência e Temporalidade

*"Sinto que o tempo sobre mim abate Sua
mão pesada. Rugas, dentes, calva... Uma
aceitação maior de tudo, o medo de
novas descobertas."*

Carlos Durmmond de Andrade

*"Más de una mano en lo oscuro me conforta
y mas un paso siento marchar conmigo
pêro si no tuviera, no importa:
sé que hay muertos que alumbran los caminos."*

Silvio Rodrigítez

Aqui entra em questão um importante fator na discussão dos limites pessoais, diante da tarefa de transformar a sociedade: a concepção que o indivíduo tem, ou ainda, aquela que a sociedade legou-lhe como válida, de sua temporalidade.

Na sociedade capitalista o foco e núcleo é um indivíduo, como célula isolada e auto-suficiente, em perfeita harmonia com a concepção de ser abstraio, trabalho alienado e propriedade privada. A vida da pessoa dá-se em um campo definido de tempo, onde ela deve lutar o máximo possível para vencer e acumular para si e sua família. A morte encerra este ciclo, e a vida pode virar matéria para inúmeros filmes e biografias de grandes homens, e sua trajetórias individuais.

A religião entra em cena para solucionar este final tão sem perspectivas para o indivíduo da sociedade burguesa. Ele tem muitas dificuldades em continuar no outro, enquanto vê esvanecer sua embalagem individual, consumida pela inexorabilidade da morte.

A religião resolve este problema afirmando que a transcendência dá-se através da continuação do indivíduo em "sua" alma privada, salvando assim, o indivíduo burguês do inferno coletivo, ou da irreversível decomposição da matéria.

Como se sentiria uma pessoa diante da enorme tarefa de destruir uma sociedade e construir uma nova, na medida que este tipo de ideia sobre a temporalidade se impusesse às cabeças da classe trabalhadora?

Até agora a consciência havia movido-se no campo individual. Mesmo em se tratando da consciência em si, onde a satisfação do desejo depende não mais do outro, mas de nossa própria ação, tendemos a procurar soluções para nós. Queremos uma revolução que liberte todo um povo, mas no íntimo a queremos para nós, queremos estar lá para ouvir os gritos de vitória, beber na grande festa da libertação, participar diretamente dos fatos, se possível na posição de destaque para ser lembrado na História³².

Quando a consciência era regida pelo princípio do prazer ela queria tudo e já. Quando nos organizamos para reivindicar algo sabemos que não será de imediato, mas o movimento só mantém-se enquanto perdura a esperança de alcançar a vitória o mais cedo possível. Mesmo quando já apresenta-se a consciência da necessidade de constituir patamares de organização mais permanentes, imaginamos as possibilidades de realização dentro dos limites de nossa temporalidade. Agora, no entanto, a consciência nos aponta uma tarefa que transcende nossa vida individual.

A partir do momento que o trabalhador apercebe-se do caráter das relações sociais em que está inserido, coloca-se a necessidade de buscar uma transformação. No entanto, neste momento do processo de consciência, já não é suficiente saber que é necessário mudar a sociedade, destruir o capitalismo, mas como fazê-lo e o que colocar no lugar. A concepção da potencialidade da classe, a consciência da possibilidade de vitória³³, é parte integrante da consciência de classe. Esta tarefa exige outro tipo de

indivíduo, não o moldado pelos valores burgueses e liberais, correspondentes às representações ideológicas das relações de exploração da sociedade capitalista, ou seja, o individualismo pequeno burguês e todas as suas matizes. Esta tarefa exige um novo indivíduo capaz de compreender sua temporalidade além dos limites de si próprio, compreender este esforço como esforço coletivo de sua classe e além dela. A consciência que ao fazer a segunda negação, expressa o movimento essencial da classe ao superar-se como classe.

*"Ao meu partido...
me fizeste indestrutível
porque contigo
não termino em mim mesmo. "*

Pablo Nertrda

Aqui, como em outros momentos, a tarefa não é fácil. O sentido que nossa sociedade e sua cultura atribuem à morte é bastante contundente. O que exige-se é um esforço do indivíduo capaz de conceber, ao mesmo tempo, a fraqueza da pessoa, seu caráter transitório e a percepção no outro, a continuação da obra coletiva que é a história. Na dificuldade desta trajetória é natural que muitos acabem por recuar, é muito tentadora e reconfortante a possibilidade de sedução que a ordem oferece aos que rendem-se.

*"Se nesta hora o inimigo te procura
recusa o jantar que te oferece.
Recusa a paz, a vida que te oferece.
O jantar te daria um assento à mesa da noite.
Esta paz è tua escravidão.
E se agora o inimigo te propõe a vida,
è chegada a hora de sua morte. "*

Pedro Tierra

A Nova Consciência

Na sociedade capitalista não podemos alcançar uma nova consciência, a não ser de forma embrionária. Somos, no máximo, indivíduos da sociedade burguesa, dispostos a destruí-la. É certo que já apresentam-se em germe, elementos desta nova consciência, no entanto ela pressupõe uma nova ordem de relações para que tenha a base tornando-a possível.

Isto não deve levar à compreensão de que a transformação revolucionária dá-se materialmente e só depois é que o universo das ideias vai transformando-se automaticamente. Estas esferas combinam-se, ainda que preservada a determinação material, de forma que a luta das ideias e a capacidade de uma classe revolucionária apresentar suas concepções e valores, como os valores do conjunto da sociedade, antecipam-se e preparam o terreno para transformações revolucionárias.

Foi o que de fato ocorreu com a própria revolução burguesa. O pensamento burguês antecipou-se à revolução burguesa. No entanto, isto não implica no fim da determinação material. As ideias revolucionárias burguesas, entre elas a ilustração e o liberalismo, só puderam constituir-se tendo por base a própria gestação material das bases objetivas do modo de produção capitalista e, com elas o desenvolvimento de novas classes sociais que buscavam expressar. Gramsci, ao tratar da questão afirma que:

"A supremacia de um grupo social manifesta-se de duas maneiras, como 'dominação' e como 'direção intelectual e moral'. Um grupo social domina os grupos adversários que tende a 'liquidar' ou a submeter valendo-se também da força

*armada e é dirigente dos grupos fins e aliados. Um grupo social pode e aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governativo (e esta é uma das principais condições para a própria conquista do poder); em seguida, quando já está exercitando o poder, e ainda que o mantenha firmemente em suas mãos, o grupo social torna-se dominante, mas deve continuar sendo "dirigente".*³⁴

É bem verdade que muitos confundem estes princípios, que constituem a base da teoria *gramsciana* de hegemonia, de tal forma que perde-se um valioso tempo tentando ser "dirigente" de nossos adversários, enquanto, por diversos meios, tenta-se impor uma "coação" sobre nossa própria classe e os grupos sociais aliados.

A lógica indicada pelo revolucionário italiano, e que deve ser resgatada, é que toda classe é uma manifestação particular da sociedade. Nos momentos revolucionários, uma classe reúne condições de expressar, através de sua particularidade, os anseios universais, sintetizando os interesses particulares de outros setores sociais em luta. Tornar-se "dirigente" destes setores implica numa luta de ideias, juízos e valores, e mais, numa luta teórica. Significa dar unidade e coerência a sua concepção de mundo, em luta contra a do adversário de classe que tem sua própria unidade e coerência, que pelas contradições objetivas com a realidade, torna-se cada vez mais moral e hipócrita.

A questão de fundo aqui não pode ser discutida sem encarar o fato de o processo de consciência insere-se em um momento maior, que é a transição de um modo de produção para outro. Na medida em que operem-se transformações revolucionárias, em que passe-se a estabelecer novas relações podemos estar iniciando a construção de um novo patamar da consciência humana.

"A consciência não está para além da evolução históri-

ca real. Não é o filósofo que a lança no mundo; o filósofo não tem o direito, portanto de lançar um olhar arrogante sobre as pequenas lutas do mundo e de as desprezar. "JJ

Portanto a transformação das consciências não está além da luta política e da materialidade onde esta se insere. E ao mesmo tempo um produto da transformação material da sociedade e um meio político de alcançar tal transformação.

/

Conclusão

É muito difícil determinar a linha que separa o velho que caduco(a), do novo que germina. Brecht dizia, em um poema, que as eras não começam de uma vez, nossos avós já viviam em um novo tempo e nossos netos ainda viverão, talvez, no velho. Nos momentos de *passagem*, de transição, as consciências captam contraditoriamente este momento e os indivíduos repletos de sonhos novos, por vezes, perecem "às margens do amanhã".

Não devemos julgá-los. Um comunardo que fugia da Paris em chamas em 1871, vendo seus camaradas sendo fuzilados no frio muro de Père Lachaise, tem o direito de blasfemar contra a humanidade. Os trabalhadores russos, que com bravura e sinceridade construíram o sonho soviético, tem o direito de diante da barbárie stalinista, acreditar por um momento que a humanidade não merece nosso sacrifício.

A história segue seu curso indiferente às nossas misérias e heroísmos. Nossa consciência não pode fazer o mesmo. Estamos atados a vida e a sua teia cotidiana, nela colhemos os materiais que compõem nossa consciência e, nem sempre, este cotidiano permite vislumbrar algo além da injustiça e da indignidade que marcam o presente. Temo então, que recolher a revolta e a inquietação de quem não submete-se e ousar dar forma às sementes do futuro, ainda que em tempos onde o futuro parece ter sido abolido.

*"Mas è nelas (bocas e mãos,
sonhos, greves e denúncias)
que te vejo pulsando,
mundo novo,
ainda que em estado de soluções e esperança."*

Ferreira Gullar

Notas

¹ "Para Marx só uma coisa importa: descobrir as leis do fenômeno que ele pesquisa. Importa-lhe não apenas a lei que o rege, enquanto tem forma definida e os liga relações observada em dado período histórico. O mais importante de tudo para ele é a lei de sua transformação, de seu desenvolvimento, isto é a transição de uma forma para outra, de uma ordem de relações para a outra." Comentário de um resenhista em relação ao método empregado por Marx contido no posfácio da 2ª edição de O Capital, pp. 14. Editora Civilização Brasileira.

² Gramsci, A-A Conceção Dialética da História. Pp. 11

³ Marx, K. e Erigels, F. - A Ideologia Alemã. Pp. 43

⁴ Freud, S. - Esboço de Psicanálise, In Os Pensadores. Pp. 210

⁵ Entificação é o termo filosófico que designa o processo de algo tornar-se o que é.

⁶ Quando falamos da família como determinação das relações primeiras a serem vivenciadas pelo indivíduo em formação não podemos nos esquecer que esta mesma família é por sua vez, determinada pelo estágio histórico em que se encontra, sendo, portanto uma subjetividade já educada.

⁷ Freud, S. - op. cit., pp. 199e200.. ' >y

⁸ Idem, pp. 200.

⁹ Buscando compreender as relações sociais na velha Grécia, Aristóteles diz: "todo ser vivo de compõe de alma e corpo, destinado uma a ordenar e o outro a obedecer (...). O macho é mais perfeito e governa, a fêmea o é menos e obedece. A mesma lei se aplica naturalmente a todos os homens. Há na espécie humana

indivíduos tão inferiores a outros como o corpo o é em relação a alma (...) são os homens nos quais o emprego da força física é o que deles melhor se obtém. Partindo de nossos princípios, tais indivíduos são destinados, por natureza, à escravidão." (A Política, parágrafos 10, 12 e 13, pp. 15 e 16)

¹⁰Marx, K. e Engels, F. - Ideologia Alemã, pp. 72

¹ idem, ibidem.

¹²Ver: Marx, K. - "Os Manuscritos Económicos e Filosóficos". 1.844.

¹³Ver também: István Mészáros. "Marx: A Teoria da Alienação". Pp. 16,17 e seguintes.

¹⁴Numa passagem de sua "Crítica da Razão Dialética", Sartre ironiza algumas concepções marxistas que buscam compreender o fenómeno da alienação apenas a partir das relações de trabalho. Diz: "Os marxistas de hoje só se preocupam com os adultos: ao lê-los, podia-se crer que nascemos na idade em que ganhamos nosso primeiro salário; esquecem-se de sua própria infância" (Sartre, J. P. Crítica de la Razón Dialéctica. Pp. 56 e 57)

¹⁵Coletado de um estudante da E.E.P.S.G. Palmira Graciotto, em São Bernardo do Campo no ano de 1985.

¹⁶"Quem descobre o quem sou descobrirá o quem é." Pablo Neruda.

¹⁷Marx, K. O Capital. Pp. 60, nota número 72.

¹⁸"Quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é composta de maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista; preconceitos de todas as fases históricas passadas, grosseiramente localistas, e intuições de uma futura filosofia que será própria do género humano mundialmente unificado. Criticar a própria concepção de mundo significa, portanto, torná-la unitária e

coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido. Significa portanto criticar, também toda a filosofia até hoje existente, na medida que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular. O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um 'conhece-te a ti mesmo' como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos sem o benefício do inventário. Deve-se fazer, inicialmente este inventário." (Gramsci, A. Concepção Dialética da História, p.12)

¹⁹Idem. Pp. 11, 12 e 13.

²⁰Idem.

²¹Refere-se aqui aos livros destes dois autores ingleses que tratam em seus romances de situações onde a dominação ideológica teria se tornado perfeita. Os romances são "1984" de George Orwell e "Admirável Mundo Novo" de Adouls Huxley.

²²Marx, K. e Engels, F. A Ideologia Alemã. Volume II, p. 78.

²³Sartre desenvolve em seu trabalho, "Crítica da Razão Dialética", um estudo sobre a evolução do grupo que seria útil à compreensão deste processo. Fala de uma etapa pré-grupo, a serialidade e sua passagem pela fusão ao estágio de grupo. Na continuidade o grupo, em seu desenvolvimento, passa pela definição de metas, juramentos e organização.

²⁴Gramsci, António. - "Sindicatos e Conselhos, L'Ordine Nuovo, 11/09/1919", In Escritos Políticos. Vol. II, p. 41.

²⁵Reificação é o processo complementar à fetichização. Enquanto a fetichização atribui poderes e características humanas às coisas, a reificação coisifica os seres humanos.

²⁶Lukács, G. - História e Consciência de Classe. Pp. 91 e 92.

²⁷Diríamos que a consciência patina no mecanismo da reivindicação. Um exemplo muito ilustrativo deste fenómeno foi nos

dado por uma declaração de Lula, então candidato às eleições presidenciais de 1989, onde afirmava: "Nós reivindicamos nossos direitos como trabalhadores, e reivindicamos o direito de se organizar em sindicatos livres. Depois reivindicamos o direito de organizar um partido político que organizasse os trabalhadores e hoje reivindicamos o direito de ser o presidente deste país."

²⁸ Lukács, G. op. cit. Pp. 64 e 65.

²⁹ "A revolução não surge de toda situação revolucionária, mas somente nos casos em que, as mudanças objetivas (,..), vêm se juntar a uma **mudança subjetiva**, a saber: a capacidade, no que concerne a classe revolucionária, de conduzir ações revolucionárias de massa bastante vigorosas para destruir completamente (ou parcialmente) o velho governo". Convém ressaltar que ao falar em condição ou **mudança subjetiva**, Lênin não está aludindo a aspectos do indivíduo, mas da classe, ou seja, confrontando elementos da realidade objetiva (histórica e da luta de classes) a elementos próprios da ação dos sujeitos históricos, daí subjetivos. (Lênin. "A Falência da Segunda Internacional", In A Questão do Partido, Obras Completas, volume XXI, pp. 47 e 48.

³⁰ Lukács, G. op.cit. p. 92.

³¹ "Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com quem se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado." (Marx, K. O 18 Brumário. P. 17)

³² "Por que deveria meu nome ser lembrado?" é um poema de Bertold Brecht que ilustra magistralmente esta questão.

³³ Ernesto Che Guevara, "Cuba, excessão histórica?", coleção Grandes Pensadores Sociais. No. 19,p 52.

³⁴ António Gramscí. Quademi dei Cárcere. P. 2010 e 2011.

³⁵ GeorgeLukács. Op. p.92.

Bibliografia

- ARISTÓTELES.** A Política, ediouro, São Paulo.
- GUEVARA, E.** Coleção Grandes Pensadores Sociais, n° 19, Ática, São Paulo, **1981.**
- FREUD, S.** Esboço de Psicanálise, in: Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo, 1978.
- GRAMSCI, A.** Concepção Dialética da História, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.
- GRAMSCI, A.** Sindicatos e Conselhos, in: Escritos Políticos, volume II, Seara Nova, Portugal, 1977.
- GRAMSCI, A.** Quademi dei Cárcere, mimeo
- LUKÁCS, G.** História e Consciência de Classe, Escorpião, Porto, Portugal, 1978.
- LUKÁCS, G.** Introdução a uma Estética Marxista, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.
- LENIN, V. I.** Situação revolucionária, in: A questão do Partido, Kairós, São Paulo, 1978.
- MARX, K.** O Capital, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, s/d.
- MARX, K.** 18 Brumário e Cartas à Kulgelman, 4ª ed., Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978.
- MARX, K.** Manuscritos Económicos e Filosóficos, Edições 70, Portugal, 1993.
- MARX, K.** e **ENGELS, F.** A Ideologia Alemã, Ciências Humanas, São Paulo, 1979.
- MARX, K.** e **ENGELS, F.** A Ideologia Alemã, volumes I e II, Martins Fontes, Lisboa, Portugal, s/d.' .
- MÉSZAROS, I.** Marx: A teoria da Alienação, Zahar, Rio de Janeiro, 1981.

SARTRE, J. P. *Crítica de La Razón Dialéctica*, 3ªed., Losada, Buenos Aires, 1979.

TOZONNI, J. R. *Família, Emoção e Ideologia*, in: *O Homem em Movimento*, Brasiliense, São Paulo, 1981.

APÊNDICE

Contribuição à Discussão Metodológica

Introdução

Uma das características particulares que destaca-se no período atual da luta dos trabalhadores, em especial na América Latina, é a importância atribuída à educação popular, no conjunto das estratégias de transformação da realidade. Muitas foram as iniciativas de refletir sobre a esta prática educativa buscando, com destacada atenção, formulações a respeito da concepção metodológica que embasaria uma educação comprometida com a transformação revolucionária da sociedade.

Entre estas tantas experiências inclui-se a de nossa entidade, o Núcleo de Educação Popular 13 de Maio, que formou-se em 1982, aglutinando companheiros que já desenvolviam atividades de organização e educação popular desde a década de 70, ou mesmo antes, que desenvolveu nestes dez anos uma intensa produção no desenvolvimento de materiais pedagógicos e na apresentação de um amplo programa de formação que hoje atinge uma média de 200 cursos ao ano em todo o território nacional¹. E que potencializa-se com a abertura de nossa quinta² turma de monitores e a constituição de um Fórum Nacional de Monitores, oFNM.

Temos certeza de que estes anos de prática possibilitaram uma sólida base para refletirmos sobre nossos equívocos e acertos e nos oferecerem o patamar necessário para buscarmos contribuir neste importante debate a respeito da concepção metodológica.

Este debate, apesar da importância dos passos dados, nem sempre refletiu um real e saudável confronto de ideias, restringin-

do-se por vezes a posições preconcebidas e caricaturais onde, a partir de uma grande linha imaginária, o mundo dos educadores se dividiria entre os *basistas*, que esperariam passivos o conhecimento brotar do povo, e os *contendistas*, que uma vez de posse do conhecimento elaborado se contentariam em transmiti-lo aos trabalhadores.

Sempre presenciamos um esforço muito grande em tentar encaixar o trabalho do 13 de Maio no segundo grupo, ou seja, dos *contendistas*. Felizmente o mundo é um pouco mais complexo que as caricaturas, e temos a esperança de ter acumulado o suficiente para recolocar hoje o debate no patamar das ideias e da reflexão da prática.

Um Pouco da História da Polemica

Acreditamos que a polemica no campo da chamada educação popular insere-senum. contexto mais amplo que é a evolução das teorias da educação. Neste campo temos um grande embate entre a *pedagogia tradicional*, entendida como a concepção pedagógica centrada no papel do professor e caracterizada pela transmissão de conhecimentos, e a chamada *pedagogia nova*, descrita como a concepção onde desloca-se o eixo central para o aluno e onde mais importante que o conhecimento é aprender a conhecer.

Para ilustrar melhor esta polarização, nos permitimos recorrer a uma citação de Saviani, apesar de longa, onde se descreve, em linhas de gerais, aquilo que diferencia uma e outra concepção:

"Compreetide-se então que essa maneira de entender a educação (apedagogia nova), por referência à pedagogia tradicional, tenha deslocado o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o niteresse ; da disciplina para a espontaneidade; do direiivismo para o não diretivismo; da qualidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciências da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental, baseada particularmente nas contribuições da biologia e da psicologia. Em suma, trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender." (Saviani. Escola e Democracia. 1991. Pp.20 e 21)

Uma vez que a corrente que ficaria conhecida como "*escolanovismo*" partiria da contraposição aos métodos tradicionais, e estes demonstravam suas características negativas na evidência da prática autoritária, amplamente conhecida e nos resultados mais nítidos da estrutura escolar oficial, acabou-se por gerar um senso comum onde a pedagogia nova seria a portadora de todas as virtudes, enquanto que a tradicional, de todos os defeitos. Mais que isto, ainda no mesmo raciocínio de Saviani, gerou-se a ideia de que a única maneira de contrapor-se à concepção tradicional era assumindo os princípios da escola nova e seus embasamentos liberais.

No campo da educação popular, ou da também chamada "*formação política*", este embate não aparece desta forma tão pura. Esta polarização aparecerá mediada naquilo que consensualmente reconhecemos como nossa dupla herança: a formação política praticada pelos partidos de esquerda, fundamentalmente o PC, e a concepção de educação dos grupos de base popular no interior da Igreja Católica.

De um lado, a *verdade oficial* a ser transmitida pelo Partido na forma da *linha justa* a ser seguida, onde a formação é concebida como um ato de passagem a um conhecimento científico e portanto, universalmente válido; e de outro o esforço de partir da vida imediata de uma comunidade, consubstanciado no famoso método de "*ver, julgar e agir*".

O *tradicional* e o *novo* aqui não referm-se ao sistema oficial de ensino, mas experiências educacionais fora da escola. No entanto, parece-nos que na intenção de negar o tradicional, alguns aspectos da chamada *escola nova* teriam sido incorporados no campo da educação popular de base cristã. Rapidamente, no reino das caricaturas, a tradicional educação dos PCs converte-se na expressão de todos os tipos de verticalismo e autoritarismo pedagógico, enquanto que a *educação popular* resvala para o

basismo e a esperança passiva e contemplativa do sempre bom conhecimento do povo. Na verdade, também neste campo, as coisas não são tão simples. A *tradicional* formação dos PCs, ainda que inegavelmente dogmática, mostrou-se portadora de uma grande eficácia na socialização e consolidação de valores revolucionários, expressos na incorporação do significado de ser comunista, de ser revolucionário. Ao mesmo tempo, os grupos de cristãos comprometidos e sua proposta educativa acabaram por propiciar a emergência do elemento da cultura popular, a preocupação com a mediação das técnicas e da linguagem, o que levou também a resultados bastante significativos tanto na organização como na motivação política.

Esta herança, no entanto, não é uma polaridade de equivalência equilibrada entre as partes que a compõem. Para entendermos as características atuais da prática educativa predominantemente, é preciso destacar o fato de que a influência da educação cristã (não a tradicional praticada pela Igreja, mas a proposta pelo movimento de CEBs) é a determinante.

Isto pode ser comprovado não só pela influência direta que educadores cristãos têm nas práticas e elaborações da atual educação popular, mas pela natureza das preocupações anti-verticalistas, na prioridade do aprender a aprender, na importância atribuída aos conhecimentos populares, entre outros aspectos. Entretanto, seria um erro estabelecer uma linha de continuidade a este processo sem ressaltar o fato de que a maioria destes educadores busca hoje realizar uma superação em relação àquela primeira fase da educação, de base típica da década de 70 até meados dos anos 80.

Esta superação iria no sentido da crítica aos desvios basistas e à relativização exagerada do conhecimento humano acumulado. Era necessário partir da negação da prática tradicional, mas também estar atento aos riscos da pedagogia do *espontâneo*, às consessões aos princípios liberais do *escolanovismo*, que aca-

bavam por reduzir a concepção metodológica ao uso de técnicas participativas e que levavam, no limite, à reprodução do senso comum encontrado nos diferentes grupos populares.

A superação assim concebida levaria à síntese expressa nos princípios do que veio a denominar-se *Concepção Metodológica Dialética*. Em linhas gerais poderíamos enunciar desta forma os elementos principais desta concepção:

- a CMD não é senão a aplicação da Teoria Dialética do conhecimento ao processo educativo: "*assim como conhecemos, assim devemos educar.*"

- desta primeira afirmação deriva o procedimento básico:

- 1) *partir da realidade imediata, que é produto não só da ação ou experiência, mas de toda a prática social e histórica;*

- 2) *apropriar-se de conceitos teóricos, para melhor conhecer a realidade além da aparência imediata;*

- 3) *com este conhecimento mais profundo da realidade e dos conhecimentos teóricos alcançados e construídos no processo educativo, passar à ação de transformação da realidade, daí que o eixo fundamental seria a vinculação entre teoria e prática, o que levaria à famosa formulação P-T-P.*

A Proposta do 13 e a Polêmica

Na época das caricaturas, que esperamos pertencer ao passado, o programa e a proposta educativa do 13 de maio-NEP era, como vimos, identificada com a herança tradicional e dogmática da transmissão de conteúdos pré-estabelecidos. Afirmava-se, ao ver nosso programa, que parte dos seminários básicos, do tipo *Oquestões de Sindicalismo* ou *Como Funciona a Sociedade*, passa por cursos intermediários ou instrumentais como o *Plano de Ação e Administração Sindical*; até chegar a cursos de aprofundamento como *Noções Básicas de Economia Política, Revoluções e História do Movimento Operário no Brasil*; demonstra va-se a clara intenção de apresentar conceitos e categorias previamente selecionados, determinados e hierarquizados e que seriam *simplesmente transmitidos* a grupos diferentes e, portanto, com motivações, interesses e realidades distintas.

Num primeiro momento, se a *acusação* fosse a de selecionar e hierarquizar conceitos, integrá-los num programa e buscar, através da prática educativa, fazer com que fossem assimilados por diferentes grupos de trabalhadores e organizações populares, não teríamos outra alternativa a não ser considerarmos-nos *culpados*. Acreditamos que um dos aspectos da prática educativa - consideramos mesmo um aspecto fundamental - é o de *socializar* conceitos e categorias que são ferramentas essenciais para a compreensão e transformação da realidade.

Estes conceitos são evidentemente selecionados e neste campo intevém, temos ciência disto, julgamos que têm por base considerações valorativas, posicionamento de classe, visão de mundo e subjetividade de quem seleciona. Não consideramos isto um

problema, pelo fato de que não concebemos nenhuma prática educativa que não proceda desta forma, ainda que no enunciado de suas intenções afirme o contrário.

Neste campo da escolha, partimos da concepção fundamental que buscamos construir um movimento de luta dos trabalhadores, que tenha como linha geral de princípios ser anti-capitalista, revolucionário, e apontar para a estratégia de construir o socialismo como via para se chegar a uma sociedade sem classes (ou como costuma-se dizer nos enunciados: sem explorados e exploradores). Isto afirmado, nos impõe a tarefa de que os trabalhadores tenham que ter os elementos, ainda que elementos iniciais, para que compreendam o que é e como funciona o capitalismo, da necessidade de superação revolucionária, das vias e formas empregadas historicamente para este fim, compreendam a noção geral de classes e os meios e instrumentos de classe que se produzem para transformar ou manter determinada sociedade.

Afirmamos que este conhecimento é parte do conhecimento humano acumulado e produzido socialmente, é a parte que conscientemente selecionamos e buscamos, os meios para que seja incorporada ao conhecimento daqueles que hoje querem transformar a sociedade.

Não afirmamos que são simples conceitos, são conceitos históricos, produzidos em determinados contextos concretos e respondendo à determinadas necessidades contextualizadas historicamente. Neste sentido, selecionamos também conteúdos históricos que julgamos serem fundamentais para a compreensão não só de certos conceitos, mas *do* próprio funcionamento da! sociedade atual.

Como se vê, nosso perfil tem tudo para se enquadrar na caricatura de *conteudistas tradicionais*. No entanto, é com muito prazer que, ao entrar em contato com as formulações mais recentes e do campo da educação popular, vemos presente, na síntese alcançada, a preocupação com o conhecimento universal acumulado, como vemos nesta citação de Marco Arruda:

"(...) nossa primeira tarefa é ajudar os trabalhadores a apropriarem-se do conhecimento universal acumulado, ou seja, do conhecimento que a humanidade vem construindo ao longo de sua essência (...)" (*Forma e Conteúdo. No. 1, p.25*)

É assim que para a surpresa de muitos que esperavam encontrar neste ponto um conflito, encontramos pelo contrário, um campo de consenso. Talvez a contradição abriria-se entre nós, que ainda acreditamos em patamares acumulados de conhecimento possível da realidade, e os novos agnosticistas, que relativizaram a tal ponto a verdade e o conhecimento, que o único patamar possível converteu-se na percepção subjetiva de cada indivíduo.

No entanto, não basta considerar necessário partir do conhecimento universal acumulado, é necessário questionar a forma com a qual pretende-se socializá-lo. Trata-se do *simples alo de transmissão* deste conhecimento, daí o inevitável verticalismo?

Neste ponto, alguns aspectos, segundo nossa reflexão bastante relevantes, intervêm na polemica. Seriam eles: a proposição de partir da realidade concreta de cada grupo e a questão da produção do conhecimento.

Dizíamos existir um campo de concordância na afirmação do procedimento anterior que devemos socializar, mas isto aparentemente choca-se com a primeira afirmação do procedimento relativo à chamada concepção metodológica dialética, ou seja: a partir da realidade imediata. Afinal, no mesmo texto citado, Marcos Arruda afirmará:

"(...) O nosso ponto de partida para a educação nova e diferente deve ser aquilo que os trabalhadores trazem para os cursos de formação, começando a construir para além do que eles já conhecem, restituindo e recapitulando e integrando todo

*este conhecimento no seu próprio processo de crítica(...). Somente tomando como ponto de partida o próprio trabalhador e seu conhecimento é que podemos valorizar esse conhecimento e fazê-lo transfigurar a si próprio.*¹(*Am-?• 26*)

Desta maneira qual seria o verdadeiro *ponto de partida*, o conhecimento universal acumulado ou o *trabalhador concreto e seu conhecimento*? Ao que parece, poderíamos cair numa polarização mecânica, e portanto em negação da intenção dialética afirmada, onde partir do conhecimento negaria o trabalhador concreto e seu conhecimento, e pelo inverso, partir deste implicaria em relativizar ou relegar o conhecimento sistematizado.

Preferimos trabalhar com a concepção de que estes são aspectos que compõem a prática educativa e que estabelecem uma relação entre si, de forma que o conhecimento universal é anterior e constitui a base real por onde alavanca-se o processo educativo e o contexto imediato (incluindo aí o trabalhador, sua cultura, linguagem, valores e percepções) e o meio onde deverá traduzir-se o esforço educativo. O conhecimento ganha sentido na medida que traduz-se para um contexto concreto, assim como este contexto só é compreendido à luz do conhecimento anterior. Mas se isto é assim, o conhecimento sistematizado, portanto teoria, estaria numa posição de anterioridade em relação à realidade concreta e imediata. Como ficaria então a proposta na equação *Prática-Teoria-Prática*?

Ao nosso ver, aqui intervém uma confusão causada pela compreensão mecânica da fórmula P-T-P. Apesar dos formulados buscarem cercar-se de garantias em afirmações várias, ao que parece acabou por produzir um reducionismo mecânico quanto à relação teoria/prática, onde a prática confunde-se com o resgate da realidade imediata no início da atividade de formação. Pedro Pontual parece indicar esta preocupação quando afirma que:

"Me parece que, na tentativa de didatização do que seria essa concepção (a concepção metodológica dialética), temos incorrido por vezes em algumas simplificações e esquematismos que podem traduzir elementos de distorção na nossa prática (...)". (Forma e Conteúdo. No. 1. P. 14.)

Assim no extremo, qualquer afirmação teórica anterior à prática concreta de um certo grupo determinado, que vá realizar uma atividade educativa, subverteria a fórmula.

Ora, mas como afirmamos, seria impossível qualquer atividade sem uma preocupação metodológica (que é teórica), sem uma seleção de temas, sem uma priorização de conteúdos e levantamentos de conceitos a serem trabalhados.

Levada a este ponto de esquematismo, a fórmula parece no seu primeiro contato com a prática. Este não seria um problema tão sério caso restringisse-se ao campo da compreensão da concepção, no entanto, Pontual parece deduzir que tal simplificação poderia *"introduzir elementos de distorção na nossa prática"*. Até que ponto a preocupação em resgatar o contexto concreto e as necessidades e anseios dos grupos específicos com os quais se vai trabalhar, não teria relativizado por demais os conteúdos e a precisão das categorias a serem trabalhadas?

Podemos citar por exemplo algumas atividades no campo da CUT e do PT onde a intenção, louvável, de estudar-se as formulações e resoluções de um encontro ou um congresso, não ofereceu-se nenhum patamar teórico ou histórico que balizasse tal reflexão. Como seria possível a um militante compreender de fato uma definição pela disputa de hegemonia sem manejar relativamente bem o conceito de classe e de Estado? Como seria possível a um sindicato refletir verdadeiramente sobre "práticas e concepções sindicais" sem conhecer, ainda que de forma geral, as lutas sindicais no Brasil?

Aqui há, talvez em nosso campo de consenso, uma ponta de

divergência que a equipe do 13 sempre expressou em relação ao curso de Concepções, Estrutura e Práticas Sindicais da CUT.

Para nós há, além da compreensão esquemática da fórmula P-T-P, um problema anterior que reside na própria derivação desta fórmula da concepção dialética geral inicialmente afirmada.

Isto não significa que discordemos da necessária relação prática/teoria. No entanto, afirmamos que a forma como relacionam-se estas esferas na produção do conhecimento e na prática política, no geral não é da maneira, sem mediações, na prática educativa específica.

Todo conhecimento deriva de uma prática, de um contexto histórico concreto, assim como tanto este conhecimento como esta prática são manifestações sociais. Assim uma prática humana, uma ação social concreta, histórica, possibilita uma reflexão, uma abstração teórica, nela baseada, que será a base para futuras ações transformadoras e novas sínteses teóricas. Portanto, um processo ininterrupto de ações e sínteses sucessivas.

Para nós, a afirmação, na ação política geral, da anterioridade da prática, é a confirmação do princípio materialista do método, ou seja, da antecedência do concreto em relação à representação abstraída deste concreto na forma de teoria. No entanto, nada nos autoriza a transpor esta equação (P-T-P) para a realidade particular da prática educativa. Acreditamos que para isto deveríamos realizar necessariamente certas mediações.

Em primeiro lugar, porque a prática educativa é, para nós, e creio aqui haver também uma concordância, um fundamento da prática política geral. A particularidade deste momento está na sua tarefa específica de refletir, superar a aparência das coisas, buscar compreender a realidade (seja da sociedade ou do movimento ou da organização onde se atua) para transformá-la, produzir saltos de qualidade na eficácia de nossa ação. Segundo, porque seria incorreto conceber um processo que é indicado como um movimento contínuo e contraditório de sucessão de sínteses e prática e

teoria como um esquema abstraído deste movimento e reduzido a
^lr es momentos: P-T-P

Sendo assim, teríamos que representar a prática política geral
 como um fluir desta fórmula:

... P-T-P-T-P-T-...

E a prática educativa como um momento deste movimento,
 exatamente o momento **teórico**.

Agora, voltado ao nosso campo de consenso, ou seja, que
 nosso primeiro esforço nesta prática educativa é propiciar a apro-
 priação de um conhecimento universal por aqueles que, vindo de
^uma prática e um concreto, esperam da reflexão teórica a base
 Para superar o patamar anterior e alcançar um novo rumo, para
^uma prática qualitativamente superior.

Acontece que a atividade educativa partiu de um conheci-
 mento (concepção metodológica, conceitos, conteúdos, reflexões, ^{et}o)
 c esta atividade dá-se na tentativa de traduzir este conhecimento
 pela realidade concreta daqueles que buscam a formação e ^oe seus
 interesses específicos. Se isto desse resultados, chegaríamos a um
 novo patamar que seria a síntese entre o conhecimento sistematizado
 e o universo concreto daqueles participantes. Esta é uma análise ainda
 teórica, é apenas no âmbito da atividade formativa um patamar para
 uma prática, mas ainda não é esta prática. Neste sentido, teríamos
 que supor que este momento particular, a ação educativa, inserida na
 política geral, devesse ser representada graficamente desta forma:

Fórmula da Praxis: ... P - T - P ...



momento teórico: T - P - T

Isto significa que a formação é um momento teórico da prática
 política geral, ou da "praxis", momento que tem por sua par-
 ticularidade a tarefa de socializar a teoria acumulada, traduzi-la
 para um contexto concreto e permitir que seja incorporada como
 um novo patamar para futuras ações.

Esta compreensão faz com que no âmbito formativo a equação
 apareça invertida, onde o concreto aparece como teoria no ponto
 inicial do movimento particular. Este fato não deveria parecer
 estranho, ao menos para aqueles que pretendem construir uma
 concepção dialética.

Quando Marx trabalha a relação entre o concreto e o pen-
 samento, o faz para além da visão mecânica do materialismo vulgar,
 que atribuía a relação simples da matéria como base para o
 pensamento como reprodução desta matéria. Ainda que longa e
 árdua, a citação de Marx nos parece fundamental para ilustrar o
 argumento acima exposto:

*"O concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas de-
 terminações, logo, unidade na diversidade. É por isso que ele é
 para o pensamento um processo de síntese, um resultado, e não
 um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida
 da observação imediata e da representação "(...) "Por isso, Hegel
 caiu na ilusão de conceber o real como resultado do
 pensamento, que se concentra em si mesmo, se aprofunda em si
 mesmo e se movimenta por si mesmo, enquanto que o método
 que consiste em elevar-se do abstraído: ao concreto é para o
 pensamento precisamente a maneira de se apropriar do
 concreto, de o reproduzir como concreto espiritual Mas este
 não é de modo nenhum o processo de gênese do próprio
 concreto. "(Marx. Contribuição à Crítica da Economia Política.
 1877. R 218 e 219.)*

Como a intenção maior do autor é contrapor à concepção

idealista de Hegel, evidencia-se a afirmação de que na dialética entre concreto e pensamento existe uma determinação do concreto. O que pode passar despercebido é que no meio desta discordância há uma concordância entre Marx e Hegel e esta exatamente na forma como o pensamento se apropria deste concreto. Afinal não nos esqueçamos que Marx supera o materialismo mecânico de Feuerbach, exatamente pelo resgate da lógica dialética de Hegel - e o que é a lógica senão uma forma de conceber e organizar o conhecimento?

Neste sentido aquele concreto imediato, aparente, é uma abstração ("uma representação caótica do todo"). Apesar de ser verdadeiro ponto de partida, ele aparece no pensamento como síntese, como resultado. Ele é apropriado pelo pensamento através de uma análise num método que é assim descrito como o de "*eleva do abstrato ao concreto*". Assim, todo o processo transcorre no campo da abstração, da lógica, o que levaria a *ilusão* hegeliana do pensamento produzir-se a si mesmo. Existe assim uma nítida diferenciação entre dois processos interligados mas distintos: o do conhecimento e o da gênese do concreto.

Pensamos que no âmbito específico da formação, falamos sempre de um concreto o qual seu processo próprio de gênese e evolução, é exterior à prática educativa. O que materializa-se na atividade formativa são mediações deste concreto expressas através de valores, linguagens, condutas, posturas, relatos e pessoas portadoras de concepções sistematizadas ou não, e que mediatizam nelas relações de classes, contextos e conjunturas históricas, vontades e desejos.

Assim, aquela prática que resgatamos no início de uma atividade aparece transformada no seu contrário, aparece *teorizada*. Mas para que ela seja *teorizada* é necessária uma teoria, uma preocupação metodológica, a intenção de traduzir conceitos e tudo está dado antes do esforço de resgatar a prática.

Voltemos ao programa de formação do 13, onde a prática

poderá nos evidenciar melhor este mecanismo do que o argumento de fundo teórico. Como dissemos, nós conscientemente partimos da seleção de conteúdos e conceitos e os hierarquizamos num programa de formação. A primeira acusação nós portanto assumimos. A segunda é que isto levaria a transformar a atividade formativa numa mera transmissão do conhecimento pré-estabelecido. Esta *acusação* nós negamos e uma descrição da prática pode evidenciar o porquê.

Pegemos um seminário básico: *Como Funciona a Sociedade*. Nele pretendemos trabalhar, no essencial, a noção de como se dá a exploração através da compreensão do conceito *àzmais-vaJiú*. A simples transmissão seria feita se chegássemos e recitássemos o conceito: a diferença entre o valor produzido pelo trabalhador e o valor pago na forma de salário. Evidente que não é isso que fazemos. Começamos por uma atividade chamada *Que país é este?*, onde através de uma série de recursos, procuramos resgatar a forma imediata como aquelas pessoas vêm a sociedade, procuram explicar seu funcionamento e buscam soluções. Neste primeiro momento, expressam-se uma série de valores, concepções e comportamentos que permitem ao monitor mediar seu discurso, seus exemplos, e a condução do seminário.

Esta é a primeira coisa que acontece na atividade, mas não é o verdadeiro ponto de partida. Não pretende-se resgatar indiferente o senso comum, mas resgatar elementos deste senso comum, que levam a vivenciar uma dúvida, a produzir uma questão específica sobre o conhecimento da sociedade. Neste sentido que a atividade é extremamente participativa e ao mesmo tempo, conscientemente direcionada.

A partir daí, o educador conduz a atividade de forma a que, através de uma dinâmica, os participantes vivenciam o surgimento de um conceito explicativo. No caso, a dinâmica reproduz uma prática onde os participantes vivem um dia de trabalho e onde o monitor buscará conduzir um processo de vivência no qual o con-

ceito de mais-valia possa fazer sentido para aquele grupo através de sua própria experiência (experiência vivenciada na mediação da atividade educativa).

O que fizemos? Partimos de um conceito que julgamos necessário de ser compreendido para desvendar o funcionamento da sociedade capitalista e buscamos traduzi-lo para a realidade concreta do grupo que propunha-se à atividade de formação. O conceito a partir daí é vivenciado pelo grupo, passa a fazer sentido para ele, e este é o passo para ser incorporado, apreendido.

Para nós então, de forma sintética, a realidade concreta é a nossa matéria-prima, é o ponto de partida de todo o conhecimento e é, também, o ponto de partida efetivo da atividade de formação, é o nosso instrumento de superação das aparências e de compreensão da realidade. A atividade de formação é o momento de encontro entre a vida e a teoria, onde o esforço pedagógico expressa-se na tentativa de traduzir a teoria em vida, *vivenciá-la*.

Poderíamos afirmar que o eixo central da proposta consiste em *vivência*?- *o conceito*, ou seja, traduzir a teoria através de mediações que a tornem apreensível e com significado para o grupo que a procura.

Diante destas afirmações, como ficaria a questão da *produção coletiva do conhecimento*? Pelo que foi exposto, fica implícito que todo esforço vai no sentido de vivenciar o significado do conceito que se espera socializar. Neste sentido, o conceito é algo novo, que passa a ser incorporado àquele conhecimento do trabalhador, é recriado para outro contexto. Ele, assim, foi socializado de forma e por meio de técnicas coletivas mas não foi no âmbito do seminário.

Acreditamos que existe um risco em procurar identificar o espaço da socialização com o da produção do conhecimento. Talvez este seja um elemento da *escola nova* mal superado na síntese realizada. Preocupa-nos a ambição de produção de novos

conhecimentos sem a incorporação e real apreensão dos conceitos e conteúdos já sistematizados e, além disso, nos indagamos se desta forma não nos distanciamos das intransferíveis tarefas de pesquisa e elaboração que exigem outras condições que não as que normalmente se apresentam em nossos espaços formativos. Voltando a Saviani e à sua crítica à *escola nova* que, como sabemos, buscava priorizar o processo do aprender a aprender, encontramos uma reflexão sobre a intenção desta linha pedagógica incoerente com seus princípios, relativizar a diferença entre ensino e pesquisa. Diz Saviani:

"(...) *A escola nova acabou por dissolver a diferença entre pesquisa e ensino, sem dar conta de que, assim fazendo, ao mesmo tempo que o ensino era empobrecido, se inviabilizava também a pesquisa (...)*" (Saviani. Op. Cit., p. 58)

Este empobrecimento e esta inviabilização, ainda na argumentação do autor, se daria porque na prática acabava praticando-se uma simulação de pesquisa no momento em que o educando necessitava de apropriar conceitos que o instrumentalizassem para as investigações. Assim argumenta que "*o desconhecido só se define por confronto com o conhecido, isto é, se não se domina o já conhecido, não é possível detectar o ainda não conhecido.*" (idem)

No campo da formação popular e política esta intenção por uma produção coletiva, ao nosso ver, levou ainda a uma ansiedade por um produto concreto no final da atividade de formação. Concordamos que a formação deva conduzir à prática e ter um resultado sobre ela. No entanto, a materialização disto num produto pode levar a distorções que são conhecidas por nós em nossas práticas.

Nos últimos anos temos presenciado uma relação utilitarista das organizações para com a formação. Há uma cobrança, que

só na aparência é positiva, de integração prática e de resultados concretos da formação para a ação sindical, partidária ou popular. Cobra-se, na verdade, mais filiados, uma melhor campanha salarial, uma melhor organização, onde atuam determinantes que, via de regra, fogem à área de ação da formação, embora no discurso ela acabe levando a culpa.

Para nós o produto da formação é algo mais complexo e difícil de medir no curto prazo, como seria o gosto da consciência imediatista e sindical predominante em nosso movimento. Seria algo a ser medido na qualidade efetiva da ação militante, em sua capacidade crítica diante de deformações que vão se produzindo, a constatação, no quadro de militantes, da socialização de novos valores e preocupações, no número de quadros com capacidade de elaboração de políticas de ação e organização. Um produto que deve ser construído e cotidianamente mas que somente expressa-se ao final de processos relativamente longos.

No entanto não queremos afirmar com isso, que alguns supõem, que não deve-se estabelecer um vínculo entre a formação e a organização. Muito pelo contrário, procuramos sempre, em cada atividade, indicar a necessária reflexão que deve estender-se à organização e à prática militante. Temos certeza de que o desafio da relação entre organização e formação é uma realidade que fica presente para aqueles educadores que atuam diretamente na CUT, nos sindicatos ou no PT, assim como sabemos que existe um viés nas entidades de formação e educação popular que atuam no movimento sem fazer parte orgânica das instâncias e organizações para as quais oferecem seu programa.

No entanto o que nos preocupa é que, na tentativa de buscar uma relação entre a prática formativa e a organização, por vezes, a primeira acaba por perder sua especificidade. O que vem a ocorrer então é a submissão da formação não à organização concebida das instâncias e organizações para as quais oferecem seu programa. Está assim aberto o caminho para a relação utilitarista para

com a formação. Ela aparentemente preocupa-se em dar respostas mais imediatas e *concretas*, mas não acumula muito pouco para criar patamares críticos à própria estrutura que apresenta estas *necessidades*.

Conclusão

Acreditamos que está se abrindo um período importante para a reflexão e o debate entre aqueles que persistem no caminho da transformação social. Na areada educação popular desarmam-se velhos preconceitos e produzem-se patamares onde a polémica pode se estabelecer e levar a trocas e contribuições mútuas que só beneficiarão nossos propósitos libertadores.

Esperamos ter iniciados uma contribuição ao debate que não deve encerrar-se aqui, porque temos a convicção de que é no debate franco de ideias e na avaliação crítica de nossas práticas que aperfeiçoaremos nossa caminhada.

*Equipe do 13 de Maio Núcleo
de Educação Popular*

Notas

¹ Com a nova forma de funcionamento do NEP 13 de Maio foi possível ampliar esta ação através dos monitores formados ou em formação, pelos núcleos regionais que se formaram e pela im plantação de um Cadastro de Educadores. Graças a este trabalho multiplicador, que se aglutina no chamado FNM (Fórum Nacional de Monitores) o número de cursos por ano passou para a casa das 3 00 ati vidades (nota de 1999)

² Em 1999 estaremos iniciando nossa 13^a turma de monitores além de turmas especiais na Bahia e junto a Prefeitura Municipal de Porto Alegre.